

# *História numa Garrafa*

*Maria Saraiva de Menezes*



**Tecto de Nuvens**

**Título**

História numa Garrafa

**Edição**

Tecto de Nuvens, Edições e Artes Gráficas, LDA.

Rua Camilo Pessanha, 152, 4435-638 Baguim do Monte

tel./fax 224807820; tlm: 960131916 geral@tecto-de-nuvens.pt

www.tecto-de-nuvens.pt

**Coordenação literária de:**

Teresa Cunha

teresacunha@tecto-de-nuvens.pt

**Autora:**

Maria Saraiva de Menezes

**Prefácio**

Paula Teixeira de Queiroz

**Fotografias:**

Maria Saraiva de Menezes

**Capa:**

Hugo Baganha

**Paginação**

Tecto de Nuvens

**Revisão**

Tecto de Nuvens

**Concepção Gráfica**

Tecto de Nuvens

© Maria Saraiva de Menezes

Direitos reservados segundo a legislação em vigor

**ISBN:** 978-989-54128-2-2

**Depósito Legal:** 440970/18

*O conteúdo literário e plástico desta obra é da inteira e exclusiva responsabilidade da autora.*

A gerência da Tecto de Nuvens

Engarrafamos histórias.

## PRÓLOGO

A "História numa Garrafa" começou por ser um 'livro vivo' de histórias para adultos, numa página de Facebook e, posteriormente, no *Instagram*, onde publiquei uma história por dia, durante três anos, com fotografias de minha autoria. A Garrafa foi lançada ao mar a 3-3-2015 e deu à costa a 3-3-2018, altura em que contava com 21.000 leitores e 1.095 histórias. Teve a felicidade de existir graças à vossa presença enquanto leitores. Nasceu e cresceu na ciberneta, onde encontrou amigos e leitores entusiastas. A interacção dos vossos comentários e a generosidade dos vossos gostos foi determinante para a levar tão longe. Mais do que um projecto de vida, foi uma vida diferente durante estes 3 anos. Aprendi a olhar para as coisas e para as pessoas, como quem as vê por escrito. Passei a escrever a qualquer hora e em qualquer lugar. Julguei-me qual 'Cinderela das histórias', dependente da meia-noite, hora a que se fazia a auto-publicação. Andei debaixo da tirania de escrever e publicar uma história por dia, onde quer que estivesse, doente, indolente ou até em viagem. Escrevi lutos e nascimentos, dores e alegrias, medos, tragédias, paixões. Vivi enredos e inventei personagens com os meus e os vossos demónios. Obrigada àqueles que me contaram episódios marcantes das suas vidas para se transformarem numa história para a Garrafa. Sinto-me honrada pela vossa confiança e entusiasmo que partilharam comigo pela nossa Garrafa. Este livro agora é vosso, para que lhe possam tocar, cheirar, guardar e viajar ainda nas histórias transformadas em papel. Um beijinho,

Maria Saraiva de Menezes  
Lisboa, 3 de Março 2018

## **Prefácio**

Acho que sempre conheci a Maria Saraiva de Menezes.

Na verdade não conheci, mas sinto-a na pele como se a tivesse conhecido. Talvez porque calcorreámos as mesmas ruas, as mesmas paisagens, debaixo do mesmo céu. Dez anos nos separam e, de facto, nunca nos tínhamos encontrado até ao convite para um livro de contos nos ter juntado. Posso dizer com propriedade que não foi o mesmo céu, mas sim o amor pela escrita que nos descobriu.

Quando a Maria me falou do projecto de “História numa Garrafa” também eu fiquei entusiasmada, era uma ideia brilhante: pedaços de vidas, por vezes em pedaços, ou despedaçadas, peças em construção, um desafio imenso para ela e para nós, leitores, que desde a primeira impressão nos agarrou. Não só o projecto era bom, como as histórias eram magníficas: curtas, incisivas, sarcásticas, dolorosas, com princípio, meio e fim em meia dúzia de linhas.

A Maria é sagaz, inteligente, persistente e organizada; durante três anos não falhou um dia, são 1095 dias e 1095 histórias acompanhadas de 1095 fotografias da sua autoria.

A mestria da sua escrita aplicada à sua perspicácia para ler mentes, tipologias, a sua formação filosófica e humanista cria um leque variado de vidas onde poucos escapam: o solitário, o convencido, o novo-rico, o deserddado da sorte, a viciada, a tímida, a dissidente, a distraída, a perdida, a fingida, a desgraçada, a bem relacionada, a mal intencionada, a ilusionista... a argamassa de todas as grandezas e falhanços deste mundo desfila numa tela imensa, que convida à imaginação a continuação da sua sorte, do seu infortúnio mesclado de sabores desconhecidos dos próprios personagens. Se são reais? Pois não sei, mas a verosimilhança com a realidade acontecida e a acontecer bem lhes pode dar essa prerrogativa: são reais, pois.

Nós, seres humanos, no nosso mundo intrincado e até de nós próprios desconhecido, criamos as expectativas mais torpes e mais sublimes, que cabem no tamanho de uma história escrita num pedacinho de papel, metido numa garrafa e lançada ao mar da vida, sem pejo nem pudor que aconteça algures connosco ou com outrem... A Maria encontrou centenas de mensagens à deriva em centenas de garrafas tão destemperadas, à solta, feridas, e codificou-as como uma comédia de costumes.

Que sorte para nós, leitores, podermos lê-las no remanso duns minutos, de uma vez, ou uma a uma cada dia, reunidas e acompanhadas de uma bela fotografia cheia de significado. Nada é ao acaso, a Maria na sua sarcástica e,

por vezes, triste ironia, dá-lhes um fim sem medos, trágico, feroz, satírico e redondo.

Eis, aqui tem, caro leitor, mais uma obra de arte, de que a natureza humana é feita, agarre-a, sorva-a, sirva-se e disfrute, é sua!

Agradeço às letras que nos juntaram, ao mesmo céu que viu desfilar as nossas emoções, no Alto Minho, na vila de Arcos de Valdevez, que nunca poderemos renegar, mesmo já distanciadas quer no tempo quer no espaço, mas cuja força perdura como a água fresca do rio Vez que ora em enxurrada invernosa, ora em lenta harmonia primaveril nos faz sonhar em cada história numa garrafa à deriva, talvez, quem sabe, no seu leito ou num semelhante.

Paula Teixeira de Queiroz  
Lisboa, 07.05.2018

**4-3-2015** - Ele convidou-a para jantar. Ela, feliz e apaixonada, procurou os seus olhos, as suas mãos, a sua atenção. Mas durante o jantar, ele dedicou-se ao calor das SMS, notificações, notícias à hora, *e-mails* imprescindíveis e chamadas inadiáveis. A mensagem mais inadiável foi teclada por ela e exigia o divórcio do *smartphone*.

.....

**5-3-2015** - As gémeas Lara e Luísa sempre foram muito diferentes. Lara era calculista, invejosa e má. Luísa era doce, sonhadora e altruísta. Lara sempre lhe invejara a cor dos olhos, a suavidade dos cabelos e a roupa que lhe assentava na perfeição. No dia em que Luísa morreu de embolia, Lara ficou, finalmente, só com a sua inveja sem par.

.....

**6-3-2015** - Em criança, João falava de forma estranha. Nascera com o dom de procurar palavras como quem procura comida. Experimentava-as no palato, deglutia-as e digerira-as com gula e enorme prazer. Na escola, quando João falava, utilizava vocábulos caros, pesquisados de véspera no velho dicionário da avó. Falava como se estivesse num acto solene. Proferia "hostil", "hipócrita" e "híbrido" porque consultara, de véspera, a letra agá. Nenhuma criança o percebia. João nascera com aquela enfermidade da alma, aquela paixão pela angústia dos homens. Tinha nascido escritor.

.....

**7-3-2015** - Maria tinha um raro defeito de carácter. Era incapaz de mentir. Tinha tentado de tudo: internato num colégio de freiras, estágio a ver telenovelas, férias com *la crème de la crème* em Saint Tropez. Mas nada. Fugia-lhe sempre a língua para a verdade. Não só dizia sempre o que pensava como pensava sempre o que dizia. Os amigos tinham-na abandonado por ela ter perpetrado o crime de abuso de verdade, o que praticamente equivalia a fratricídio na forma tentada. Maria era seguida em psicoterapia desde os 11 anos, mas não havia nada a fazer. Era uma honesta compulsiva.

.....

**8-3-2015** - Era o seu aniversário. Sorriu. Cassilda já não sabia quantos anos fazia, à míngua de bolo para a ajudar a contar as velas. Os amigos também não passavam de uma miragem, mas ficavam sempre bem nos *outdoors* dos anúncios a detergentes. O seu aniversário havia de ser a melhor noite de sempre, agora que chegara a Primavera e o vento não soprava, gelado, pelos claustros do Terreiro do Paço. Cassilda ajustou os papelões para se deitar, forrou com jornal a cama improvisada e deitou-se, segurando com uma mão e um olho aberto, o carrinho de supermercado onde guardava os seus pertences. Na noite dos seus anos, o luar brilhava mais forte para si.

. . . . .

**9-3-2015** - Lavínia era uma mulher de meia-idade, amarga, ressabiada e pesada. Repugnava-lhe a vertente cultural e intelectual da vida, dando sempre primazia e destaque à intriga de comadres. Referia-se aos livros como "coisas psicológicas" e portanto, o seu discurso era monótono e superficial. Nas suas conversas, em que não raro monopolizava o momento, falava de doenças e atrocidades várias. Consta que morreu com a língua gangrenada.

. . . . .

**10-3-2015** - Gui tem 4 anos e ainda não sabe que é a nova reencarnação do Dalai Lama. A mãe de Gui não o sabe, oficialmente, mas dentro de si sempre teve algumas certezas. Gui medita desde os 2 anos, sem ninguém lho ter ensinado, vocalizando mantras que ecoam na pequena caixa acústica do seu peito. Também se recusou desde sempre a comer carne de animais, por respeito a toda e qualquer forma de vida. Aliás, Gui sempre se emocionou diante de qualquer ser vivo. O simples perfume de uma flor levava-o a chorar de comoção. Quando a delegação tibetana do Dalai Lama localizou Gui e notificou a família, a mãe rapou a cabeça, vestiu uma túnica de linho e mudou-se para o Tibete para servir o filho.

. . . . .

**11-3-2015** - Josilda viajou dji Minas Gerais pra Portugau. Até aqui, tudo bacana. Mas Josilda não era capaiz dji pronuncia' o erre no finau dais frase', e trocava o ele pelo u, o que armava grande sururu. Sempre



que ela pidjia: Podji da' pra mim um pouco dji açuca', os moleque' portugua davam risada. Ademais, Josilda não pronunciava os esse' no finau dais palavra' e transformava um simples de em dji. Que diacho dji coisa essa do portugueis qui vive esnobando a galera do novo mundo. Josilda vivia encabulada com essi negócio dji bate papo sai' furado. Oxentxi, diacho dji bicho, o portugueis. Tomara qui essa galera si estrepi e eu possa vorta' logo logo pra minha rocinha. Um belo djia, Josilda voltou finalmentxi pra sua terra máravilhosa, deixando a Europa caquética pra trás, e acabou sendo eleita ministra da solidariedadji sociáu.

.....

**12-3-2015** - Maria Armanda era uma mulher do Norte, dessas verdes montanhas do Minho, onde o Gerês entra pela janela adentro. Vivia na tulha, onde armazenava lenha para o Inverno, tosquiava as três ovelhas, que era como se fossem família, e cardava a lã à luz da pequena salamandra de ferro. Germano, o seu homem, levava as ovelhas a pastar, ainda o dia não raiava, e ela preparava-lhe para o caminho, o farnel do costume; tripas, chispe ou papas de sarrabulho. Ao domingo, pela missa, havia que limpar as unhas pretas com a navalha e escanhoar a cara. Germano não era dado a orações, mas ia à missa todo o santo domingo, não fosse o diabo tecê-las. Naquela manhã, Germano e Maria Armanda desciam a ladeira até ao Soutelo quando lhes apareceu uma galinha sem cabeça. 'Isto debe de ser obra do demo. Hoje comungamos duas bezes, mulheri.'

.....

**13-3-2015** - Ana começava por detestar, de morte, todos os homens por quem se apaixonava. Era quase uma condição *sine qua non* para o enamoramento. Quanto mais detestava um homem, quando o conhecia, mais o amaria loucamente, daí para a frente. Era como se precisasse desse desafio para construir uma relação. Nada na sua vida assentava em pressupostos positivos. Não lhe bastava apenas uma tábua rasa; era necessário escavar bastante abaixo do nível da tábua para Ana viver bons recomeços. Assim, quando conheceu Walter, um polaco com tiques de bloco de Leste, Ana abominou cada gesto, cada olhar, cada palavra, frase ou ideia expressos por ele. Foi então que a paixão a devastou de forma brutal, avassaladora, desconcertante, inusitada. Ana acreditava que era este amor-ódio ao objecto do amor que fazia dela uma bomba sexual.

.....

**14-3-2015** - Joana foi abandonada pela mãe, em criança. A roda dos enfeitados foi o último colo que conheceu. Cresceu num internato para raparigas onde os trabalhos forçados ajudavam a esquecer a solidão. Pior do que as vergastadas nas pernas eram, sem sombra de dúvida, as saudades de uma mãe que não conhecera. A coisa pior de todos os dias eram todas as noites. Noites de silêncio e solidão eram brancas como a morte, e mesmo isso seria mais desejável. Joana acabou por crescer, libertar-se dessa prisão e casar com um caixeiro-viajante. Afinal de contas, sabia-lhe bem ser abandonada, todas as vezes que o seu mais-que-tudo partia para uma longa viagem.

.....

**15-3-2015** - Firmino tinha o hábito de escrever cartas a si próprio para não se sentir tão sozinho. Costumava começar por cumprimentar, amavelmente, perguntando sempre pela família. Depois, contava as novidades a si próprio, que ele já sabia, mas fingia desconhecer, por educação. Terminava a carta despedindo-se elegantemente e pedindo para escrever de volta. E acrescentava: P.S: Queira fazer o obséquio de aceitar esta carta a pagar os portes no destinatário.

.....

**16-3-2015** – Era um editor que publicava autores consagrados, como também lançava novas promessas da literatura. Difundia certa áurea de deus do Olimpo e emitia um brilho tão ofuscante que quase cegava, de tanto narcisismo. Viajava, opulentamente, pelos festivais literários de Paraty, Macau, Madeira, Póvoa e Gardunha, levando o seu charme a jovens abalroadas pelo seu bigode louro, enrolado nas pontas. Contudo, nunca pagava os direitos de autor aos seus escritores, arrastando-os para uma agonia que se estendia a telefonemas nunca atendidos. Certo dia, um escritor gigante de vendas encurralou-o na tenda das merendas da Feira do Livro de Lisboa e desferiu-lhe um golpe contextual. Consta que o seu bigode majestático nunca mais foi o mesmo.

.....

**17-3-2015** - Escrever, para Alfredo, nascia de uma inspiração tão frágil como o aflorar de um espirro. Assim que a inspiração lhe tocava, era como um pozinho que lhe acariciava a narina. Tinha de escrever imediatamente, estivesse onde estivesse, fosse a conduzir, na casa de banho ou a fazer amor com a sua Ophélia. Alfredo tinha, ainda por cima, fama de irascível, porquanto quando alguém se lhe atravessava no caminho ou na génese das suas inspirações, Alfredo perdia-lhes o rasto de imediato, como um espirro abortado. Por isso, tornava-se agressivo, violento, grosseiro, tudo porque acabava de perder o "espirro da inspiração". Alfredo vivia rodeado de folhas e lápis espalhados por todo o lado, dentro do carro, na cama, na cozinha e à volta da retrete, pelo chão. Era ridícula a sua figurinha esquelética, esbranquiçada, sentado na retrete, de calças pendentes, escrevendo compulsivamente enquanto exalava odores menos nobres. Tanta poesia vinha-lhe da paixão platónica pela menina Alice da tabacaria, que ignorava, cabalmente, a sua existência. Qualquer inútil mosquito tinha mais relevância na vida da menina Alice do que a áurea amarelada de Alfredo. Mas ele era feliz com a ilusão e a insignificância da sua inspiração. E dedicava-lhe todos os seus poemas com ridículo fervor.

.....

**18-3-2015** - Londres. 17h21. Charles segue, com o olhar, aquela mulher misteriosa que entra, periodicamente, no *Harrods*. A sua visita acontece sempre pela hora do chá. Envolve-a um vestido ondulado em seda e pérolas discretas. De rosto velado pelo cabelo mogno, dirige-se à secção de sobremesas exóticas. Charles desconhece o quanto Kate vive obcecada com *turkish delight*. Desde que se divorciou do terceiro marido, um turco da alta nobreza, Kate alimenta-se apenas desta iguaria. O seu preferido é o de pétalas de rosa, cujo aroma a leva a um êxtase febril e orgástico. Por alguma razão, Kate sente que volta a amar o seu turco através do aroma de pétalas de rosa dos jardins do seu palácio.

.....

**19-3-2015** - Páscoa. Helena abre um pacote de amêndoas brancas e cor-de-rosa. Como numa vertigem, fica inebriada com o aroma. Inala

aqueles dias da infância em que os avós, hoje ausentes, lhe traziam, pela Páscoa, o pão-de-ló e as amêndoas. Os seus olhos enchem-se de lágrimas. Como é possível, aquele pacote de amêndoas cheirar-lhe a toda a sua infância, ao olhar terno dos avós, aos saltos que dava, numa correria, pelas escadas abaixo, para abraçar a avó? Como é possível, as amêndoas cheirarem tanto a saudade e às flores do jardim? Páscoa. As amêndoas estão em promoção no Pingo Doce.

.....

**20-3-2015** - D. Emília escreveu no quadro de ardósia, fazendo chiar a peça tosca de giz: "Dia do Pai". Depois, distribuiu folhas em branco e disse que se tratava de um concurso de redacções da Junta de freguesia. Todas as escolas concorreriam e haveria prémios. 'Mãos à obra, meninos!', rematou, com entusiasmo. João pegou na esferográfica e aproximou o bico da folha. Não tinha jeito para escrever, nunca tinha tido. Fechou os olhos, respirou fundo e começou a esboçar palavras, até lhe sair tudo em catadupa: "És o pior pai do mundo. Nunca brincas comigo nem queres jogar à bola. Estás sempre fora de casa e quando chegas não me abraças nem vais ao meu quarto, ver-me dormir. Eu finjo que estou a dormir, mas estou à tua espera. Nunca me dás o beijo da noite, como dá a mãe. Nunca te sentaste no chão, a brincar comigo e com a pista de carrinhos, como faz o pai do Manel. Nunca me puseste às cavalitas nem fizeste corridas comigo na praia, no pátio ou no campo. Acho mesmo que nunca me levaste a lado nenhum. Eu sou da mãe, como disseste um dia. Assim, podes ir fumar o teu cigarro para a varanda e namorar as estrelas. Sei que nunca estou no teu pensamento. Devo ser um incómodo, como dizes do teu calo no pé. Quando crescer, não quero ser como tu. Gostava de ter um pai que me escutasse. E então, eu poderia dizer 'Pai, gosto de ti'".

.....

**21-3-2015** - Frederico sempre se revelara um rapaz meticoloso e inflexível quanto às idiossincrasias alheias. Madalena era uma mãe distraída e por isso, quando o filho do meio lhe anunciou, na festa dos 18 anos, que era de extrema-direita e venerava Salazar, Madalena escangalhou-se a rir, sem apelo nem agravo, arrastando o riso nervoso dos convidados. Acresce à desvalorização da notícia, pela mãe, que esta sofria de humor negro em último grau, por isso, qualquer má

notícia era pretexto para se partir a rir. Assim fora aquando da notícia de pré-bancarrota do seu lindo Portugal, com um governo de esquerda; assim como do mini-*crash* da bolsa provocado por um governo de direita; e ainda aquando da notícia de um ex-primeiro-ministro da esquerda-caviar, colocado atrás das grades. Ria até gritar agarrada à barriga. Rebolava e dava guinchos, batendo incessantemente com os pés no chão, tentando, debalde, parar de rir. Madalena sofria com isto, não julguem, pois levar a vida com tal comicidade, só podia augurar uma grande desgraça. E seria de morrer a rir.

.....

**22-3-2015** - Luana gostava de receber amigos e família em sua casa, porque assim mandavam as regras em que outrora acreditara. Cozinhava diversas iguarias, fazendo noitadas em preparados e arrumações. Invariavelmente, quando os convidados chegavam, Luana estava na pior das disposições. Oscilava entre a má-criação e a bipolaridade, por isso, destratava os convidados como se estes fossem empecilhos ao seu descanso, respondendo-lhes torto e virando-lhes a cara quando estes lhe levavam flores ou chocolates. Certo Natal, acabou a comer a ceia, sozinha, sem perceber por que motivo ninguém aparecera.

.....

**23-3-2015** - Sr. Sousa e D. Adelaide não sabiam por que razão Sara Sofia era uma criança apática. Costumavam ignorá-la quando, em pequena, conquistava alguns feitos reveladores de autonomia e personalidade. O Sr. Sousa até tinha o hábito de a repreender em público, sempre que ela manifestava algum traço da sua personalidade. Afinal de contas, havia que fazer da garota, uma mulher rija. Quando a moça cresceu e se tornou cobiçada pelos rapazes, o Sr. Sousa costumava humilhá-la em frente a eles, no largo da vila, para ver se os moçoilos desistiam de lhe cortejar o produto. Sara Sofia foi-se apagando com a frustração, dia após dia, e acabou sem talentos nem vontade.

.....

**24-3-2015** - Papá era muito bem apessoado, um senhor muito pontual, cumpridor de todos os regulamentos, assaz formal e por demais higiénico,

tal como o papel. 'Papá, veja, lavei a loiça toda do jantar!', exclama Lili, exultante de alegria, do alto do banco de cozinha e dos seus 2 anos e meio. Parece inacreditável tal vontade férrea naquelas mãos tão pequenas, a par da vontade de querer ser grande, de querer ajudar e alcançar um objectivo. Os olhos de Lili brilham tanto que são capazes de iluminar um planeta inteiro. O avental chega-lhe aos pés e o sorriso às estrelas. Mas papá, do alto do seu bigode bem cofiado, mãos de doutor e tiques de snob, arrepiase com o procedimento higiénico na manutenção dos utensílios. Não vai ao encontro dos olhos brilhantes de Lili nem lhe dirige um "Muito bem! Bravo!", antes se dirige à criada-de-servir, que é para isso que ela ali está, 'Odete, volte a lavar essa loiça toda, outra vez'. 'Mas, papá...', choraminga a pequena Lili. 'Nem mas nem meio mas! Nem mais um pio!', troveja a Lei com voz seca. Lili sente as perninhas fraquejar, o beicinho começa a tremer, os olhinhos apagam-se com lágrimas e o seu pequeno mundo desaba. Esta era a sua oportunidade de provar, do alto dos seus dois anos e meio, que já era crescida.

.....

**25-3-2015** - Afinal, nada disto tem importância nenhuma. Vivi como uma fera e morro como um detalhe cósmico insignificante. Tudo pode ser insignificante, só depende da perspectiva. À luz do ciclo da Natureza, morrer é só uma das etapas do processo da formação do húmus. E ninguém chora por isso. Morri e escrevo, sem caneta, as minhas últimas mágoas. Afinal, para quê tanto aparato à volta da ideia de morte? Morri e pronto. Consigo daqui adivinhar o rostinho pungido da minha Bé e da Litinha. Sofro por elas, só isso, mas já estou morto e tudo perdeu importância, até mesmo esse meu sofrimento pelo sofrimento delas. Estou agora a desintegrar-me no universo. Sinto um orgasmo ao estatelar-me na estratosfera. Que morte linda.

.....

**26-3-2015** - Quando Nica chegou à vila de Arcos de Valdevez, no Alto Minho, por volta dos anos setenta, ainda não via o mundo através da perspectiva vertical. Na verdade, ainda gatinhava. Nica acabara de fazer dois anos; agarrava-se ao colo da avó, embora estranhasse o cheiro a naftalina, mas dependia desse regaço maternal que a consolava. Crescendo, timidamente, ao longo do Inverno, Nica conquistou a fala pelo

**1-1-2016** - Caros amigos, lamento informá-los mas esta página vai fechar. Acabou-se a inspiração para escrever. Anuncio, oficialmente, o fim deste projecto.

- Mas, não pode fazer-nos isso! E agora, o que faremos todas as manhãs, logo que chegarmos ao escritório e iniciarmos os computadores?

- Lamento, mas nada dura para sempre, tudo tem um fim, algures no tempo. E esse algures é aqui e agora.

- Não pode abandonar-nos assim, desta maneira. Não nos pode deixar este vazio, assim de repente.

- Mas estou a oficializar o fim do projecto. Não há bem que sempre dure nem mal que nunca acabe. Nada é eterno...

- Por favor, não nos responda com provérbios. Exigimos uma satisfação.

- A verdade é que a fonte secou, como disse um dia Cesariny, em relação à poesia.

- Sim, mas não pode habituar-nos desta maneira, ao longo de quase um ano, com uma história todas as manhãs, e depois resolver ir-se embora, assim...

- Lamento, mas eu não resolvi nada. As coisas resolvem-se por si. Um belo dia, a fonte secou. Não há mais nada a fazer.

- Tem a noção de quantas pessoas se vão ressentir? Quantos espíritos abandonados se sentirão ainda mais abandonados? Quantas almas perderão o sentido para a vida? Poderá mesmo ser responsável por suicídios...

- Eu não posso ser responsável por isso tudo, muito menos por um acto desses. Afinal de contas, tudo o que fiz foi escrever histórias...

- Sim, mas isso pode ser considerado homicídio por negligência.

- Está a acusar-me de homicídio quando apenas acordei sem inspiração? Apre! A História numa Garrafa acaba aqui.

.....

**2-1-2016** - Alda e o marido nunca vêem os filhos. Trabalham, arduamente, para pagarem um bom colégio onde os ocupam, durante todo o dia, e pagam prolongamento até às 19 horas. Depois, pagam a uma empregada para os ir buscar, dar banho e jantar, até às 21, hora a que costumam chegar a casa. A essa hora, estão demasiado cansados para ouvir barulho e tudo o que as crianças levam dos pais é um beijo de boa noite. Se pudessem, também pagariam à empregada para lhes ler

uma história, mas ela sai às 21 horas para regressar no dia seguinte às 7,30 da manhã. Alda e o marido não levam os filhos à escola e muito menos lhes dão pequeno-almoço, reservando isso para a empregada. Têm muito que fazer no trabalho e, antes disso, têm de enfrentar o trânsito matinal. O seu compromisso com a hora de ponta é inalienável. Ambos ganham bastante bem para dar o que há de melhor às crianças, desde bons equipamentos desportivos até aulas e instrumentos musicais. Mas nunca estão lá para os aplaudir nos recitais ou incentivar nos torneios. Marta e Martim mal conhecem os pais. Aprenderam, desde cedo, a falar crioulo com a empregada. Augusta trata-os com carinho, tal como se estivesse com os filhos em Cabo Verde. À sexta, comem cachupa e ouvem as mornas de Cesária. Os Martinhos, como lhes chama Augusta, são bons meninos e sonham um dia vir a passar tempo com os pais. Ao fim-de-semana, partem com os escuteiros para acampamentos e acantonamentos. Os pais acham que eles são felizes. Alda e o marido nunca pensaram fora da caixa. Nunca lhes passou pela cabeça que poderiam trabalhar menos e não ter de pagar a alguém que faça o que eles não fazem para o pagarem e poderem estar ausentes da vida dos filhos.

.....

**3-1-2016** – ‘Pai, brinca comigo, pai!’ Matias ainda não se habituou a ser chamado de "pai" com tanta convicção, ainda mais redobradamente. A pequena Matilde fá-lo com convicção e solicita o pai, puxando-o pela mão de gigante. Matias ainda há pouco trocava as madrugadas de biberão pelas directas nos copos com os amigos. Esta nova realidade ainda lhe parece decalcada directamente de outro planeta ou de um filme comercial.

‘- Vá láááá, pai!’ - insiste Matilde.

Mas Matias já não sabe brincar nem se ajeita. As suas pernas são demasiado altas para rebolar entre os legos e definitivamente não lhe apetece fazer de cãozinho.

‘- Oh, pai, anda cá, brinca comigo, pai!’

Matilde não desiste. Entoa músicas do infantário. Para se defender, Matias saca do telemóvel e faz um *scroll down* distraído, com quem anda à deriva.

‘- Queres ir embora?’ - pergunta Matias, para quem o parque infantil é um desafio inalcançável.

‘- Nãããã, pai, anda cá, brinca comigo!’

Matias encontra-se agora na encruzilhada de ser pai aos 27 anos. Nem ele sabe que virá a ser um pai dedicado aos 55, depois deste divórcio e de ter



percebido como estar ausente é bem mais cruel quando se está de corpo presente. Matias tenta agora esquivar-se das exigências de pai interactivo, trabalha demasiado para justificar o sustento da família, atrasa-se de mais para fugir às rotinas do banho, da papa e das brincadeiras. Esconde-se por detrás do telemóvel para fugir à perspectiva da paternidade. Matilde ainda não sabe que crescerá com um vazio no lugar do pai, um buraco onde habitará toda a saudade da infância. Matias só o compreenderá quase 30 anos mais tarde, mas já será demasiado tarde para Matilde. Quando o pequeno Manel nascer de um pai de 55 anos, Matias será um pai-avô, um espécime de pai a dobrar, em doçura e em atenção. Tudo será proporcional à ferida do remorso que lhe corroerá o peito.

.....

**4-1-2016** - O que mais impressionava na tortura dos inocentes eram as suas caras de total espanto. À medida que eram fustigados com enormidades crudelíssimas, os seus olhos esbugalhavam-se de espanto, antecipando a dor e a desordem emocional. O torturador era sempre alguém de insensato, cometendo atrocidades para além dos limites do bom senso. As crianças esperavam aprender algo de construtivo na vida, mas na realidade deparavam-se com o choque da violência e da brutalidade daqueles que as furtavam ao doce conforto da infância. Os seus olhos incrédulos, as bocas mudas e a expressão presa no instante desfiguravam-lhes o rosto puro e inocente. Era, efectivamente, um mundo de loucos quando os próprios pais infligiam aos filhos os seus erros. A câmara de tortura ficaria para sempre gravada na memória como património material da doce e indefesa infância.

.....

**5-1-2016** - A desilusão caía-lhe permanentemente em cima, à maneira de um conta-gotas vital. Glória buscava glória em tudo o que via. Vivia em frente aos monumentais jardins do Casino Estoril e esperava, a cada manhã, ver um desfile de personagens glamorosas e deslumbrantes. Mas na realidade, o que via eram velhinhas decaídas, dependentes de míseras pensões, homens do povo trajados com casacos de cor sórdida e cães farruscos. Tudo era deprimente. A realidade não correspondia aos seus altos padrões de exigência e classe. A vida estava sempre a desiludi-la. Desanimada, Glória viajava pelas avenidas luxuriantes do Mónaco, as

praias exuberantes da Côte d'Azur e a *movida* de Barcelona, em busca de charme e encanto. Mas tudo era como num sonho. Nada correspondia à realidade decaída de um coração despedaçado. De regresso ao Estoril, Glória tropeçava nos passos trôpegos dos reformados que faziam fila nos CTT para receberem a parca reforma e esbarrava nos desempregados que se abandonavam ao sol, no paredão. Glória sabia que não encaixava neste mundo tão pouco cinematográfico. Assim que fechasse o contrato com o *marchand d'art*, faria as malas para respirar em Paris.

**6-1-2016** - Elísio não fazia a mínima ideia do significado de um "não". Quando ouvia este pequeno monossílabo, sentia-se sempre estimulado a perseguir os seus objectivos até lhe chegar o toque cristalino do "sim". "Sim" soava a toque de caixa registadora, a moeda tilintando no bolso, soava a um pinga-pinga metálico que o estimulava. Elísio torneava o "não" desde sempre, desde o berço. Quando a mãe lho dirigia, o bebé Elisinho abria um berreiro, que mais ninguém dormia naquela casa. Melhor, ninguém dormia até ao momento em que mamã cedia e transformava o "não" em "sim". Foi assim que Elísio, homem feito e consciente das suas escolhas, conquistou a jovem Hortênsia para sua fiel esposa. Elísio gostava de desafios e se havia um desafio difícil na sua vida, ele chamava-se Hortênsia. A bela jovem não se fazia de difícil, ela era-o, efectivamente. Sempre que Elísio a convidava para jantar, ouvia dos seus lábios carnudos e sensuais um rotundo "não". Ora, já se sabe como Elísio era avesso ao "não", sobretudo a estes proferidos com tamanha sensualidade e veemência. Rapidamente, Elísio transformou Hortênsia num objectivo a conquistar, contra todas as probabilidades. Esta não sabia que ele não desistiria perante nenhuma adversidade, que estaria disposto a esperar dias, meses, anos, séculos. Assim, na oportunidade seguinte, Elísio perguntava-lhe sempre: 'Janta comigo esta noite?' Ao que ela respondia: 'Não'. Ao que ele contrapunha: 'Então, quando jantamos?' Hortênsia só teve descanso quando finalmente cedeu e proferiu o mágico "sim". De anel de noivado no dedo, Hortênsia duvidava que o "não" existisse no dicionário de Elísio. Mas entretanto, tinha-se deixado cativar pelo seu encanto e espírito positivo.

.....

**7-1-2016** - Na casa de meninas de Madame Wanda, o deboche era o prato do dia. Fundiam-se as agruras da vida com os atributos anatómicos e peitorais das meninas impudicas. Mas aquele dia era especial, era o dia em que Madame Wanda iria apresentar a sua virgínea filha, pura até onde lhe era dado alcançar a pureza. Maria Virgínia atingira a idade casadoira dos 14 anos e, antes que fosse desflorada por um ímpeto de paixão indesejável, havia que entregá-la nas mãos do homem mais rico da cidade. O Sr. Doutor Juiz há muito que a cobiçava e Madame Wanda apenas fazia render o desejo, fazendo crescer na doutoradíssima boca, água da mais refinada qualidade. Sim, porque a sua menina não havia de se conspurcar naquele meio de salteadores e taberneiros. Maria Virgínia estava destinada a ter uma vida de senhora. Madame Wanda recebeu o Sr. Doutor Juiz com um jantar íntimo à luz de velas onde pontuava o frango na caçarola, uma metáfora gastronómica para lhe subjugar o inconsciente. Antes que o autorizasse a tocar com o dedo mínimo na sua menina, o Sr. Doutor Juiz foi convidado a fazer uma doação generosa para a causa do hedonismo, na pessoa da sua directora. O dinheiro fala sempre mais alto e quando ele canta todos se entendem melhor. Maria Virgínia pestanejava timidamente, deitando o olhar ao chão de modo tão pueril e sensual que o Sr. Doutor Juiz sentia crescer dentro das calças uma urgência de mudar o mundo. Madame adivinhava-lhe cada gota de suor, cada deglutição seca de saliva.

- Virgínia, desça dos seus aposentos. O Sr. Doutor trouxe-lhe chocolates. E depois, como quem não quer a coisa mas dá a machadada final no assentimento conjugal, acrescentou em tom de nota artística:
- O Sr. Doutor sabe, as meninas chegam a esta idade e deixam de gostar de *chocolat* para preferirem o *choc au lit*.

.....

**8-1-2016** - Então até amanhã, xau!

- Até amanhã. Quem?
- Xau!
- Vais comprar detergente?
- Não te percebo.
- Nem eu a ti.
- Quem é esse xau, afinal?
- Ninguém. Só estava a dizer xau.
- Para quê?
- Para te dizer até amanhã.

- Mas isso eu percebi...
- Ok. Xau.
- Outra vez?
- O quê?
- O detergente...
- Que detergente?
- Xau. Vais ao supermercado?
- Não te percebo...
- Podes parar de me baralhar, se faz favor?
- Eu só disse xau e tu parece que estás a brincar comigo. Adeus!
- Ah, sim, adeus.
- Pois, xau é adeus.
- Não, não é. Xau é o nome de um detergente.
- Não, xau é adeus.
- Em que língua?
- Sei lá eu... Português!
- Ah, isso é que não é. Conheço bem a língua e o vocábulo não existe nem como neologismo.
- Mas eu sempre disse xau...
- E depois? Isso não legitima a etimologia.
- Quê? Mas os italianos também dizem...
- Dizem "ciao". E lê-se "tchau". Mas quer dizer "olá" e não "adeus".
- Mas, mas...
- Vocês andam todos baralhados, usam uma palavra que não é portuguesa nem estrangeira, que tem nome de detergente e que quer dizer exactamente o contrário da sua quase homónima palavra italiana. Mas de que planeta vens, afinal?
- Do planeta dos criadores de palavras, pelos vistos. Xau.

.....

**9-1-2016** - Óscar detestava tudo e todos. Começava por desprezá-los, depois por hostilizá-los e ostracizá-los. E não era pelo facto de Óscar ser um gato. Era porque, do seu ponto de vista, os outros eram efectivamente desprezíveis. Senão vejamos, a querida e o 'mor gostavam de rebolar-se no seu sofá e lambuzar-se de carícias, que nojo. Gato que é gato é dono do seu sofá e não permite que humanos o conspurquem com baboseiras. Mas a querida e o 'mor não só tinham a mania de serem seus donos, como teimavam em instalar-se confortavelmente nos seus aposentos felinos. Um

gato é dono e senhor de si mesmo e dos seus aposentos. Não precisa cá de humanos babosos para se lhe dirigirem como atrasados mentais, como quem fala com um cão. Um gato tem dignidade. E classe. E muito nível. Contudo, aparentemente, não era possível dispensar a presença daquilo a que se chamava, erroneamente, donos. Óscar é que era o dono daquilo tudo, mas vá. Os donos serviam, ao que consta, para pagarem as despesas domésticas e trazerem-lhe comida. Pelo menos, algo de útil faziam. Mas Óscar gostava de reinar como dono e senhor do seu espaço, no sofá, à janela ou numa cama de mantas caídas dos céus pela mão dos donos. Sempre serviam para alguma coisa, esses donos, desde que o deixassem em paz. Óscar olhava o mundo, da janela, com deferência e arrogância. Um gato não se imiscui na plebe humanóide. Um gato é um faraó, um imperador sábio e distinto. Era um exercício difícil tolerar a presença dos donos e suportar o seu cheiro a pele e couro cabeludo. Esses cheiros humanos entranhavam-se no seu magnífico sofá de padrão tigresa e causavam-lhe alergias.

.....

**10-1-2016** - O mundo era um lugar estranho. Márcia decidira afogar as mágoas em chocolate, desde bolos a bombons, éclairs, tortas e gelados. Porque as notícias anunciavam bombardeamentos em Israel. Porque a guerra na Síria arrastava-se há demasiado tempo, passando insistentemente na TV, rostos de crianças e naufragos. Porque os impostos eram um exercício de tortura e existencialismo. Porque o cão da vizinha ladrava também ao domingo, logo às 6 da manhã. Tudo isto se tratava com chocolate, muito chocolate. Márcia descobrira recentemente a panaceia para a guerra no mundo, para a xenofobia, para o golpe da segurança social e das finanças, para as madrugadas em branco. A panaceia, enfim, para curar os vencidos do mundo. Era tudo à base de chocolate.

.....

**11-1-2016** - A palavra "fantástico" servia para encobrir todos os podres da alma. Era utilizada por pessoas desesperadas com mentiras piedosas. Quem dizia que estava fantástica, normalmente estava na miséria. Sentir-se fantástico significava: "Socorro, salvem-me. Tirem-me daqui". Por isso, era preciso estar atenta às fantasias da alma e às falsidades da realidade.

Sempre que alguém dizia que estava fantástica, a enfermeira da alma corria para ela com pezinhos de lã. Punha-lhes a mão no ombro e dizia: 'Estou aqui, minha amiga'. Por vezes, desabavam num pranto contido a traços de maquilhagem volátil. O mundo estava a desmoronar por detrás do anúncio fantástico de sorriso desesperado.

.....

**12-1-2016** - A família de Nina vivia em França, o que a levava a sentir o peso de um exílio que tomara, voluntariamente, ao apaixonar-se por Luís. Engenheiro de máquinas, Nina viu nele um doce coração de máquina. Com o tempo, foram nascendo os filhos, um atrás do outro, até ao número de três, com intervalos de 9 a 12 meses entre cada. Nina estava esgotada. Mas como era professora de Belas-Artes, não podia perder a oportunidade de dar aulas. À medida que os filhos iam nascendo, Nina tinha cada vez mais trabalho e zero ajuda familiar. Arranjava empregadas que desapareciam sem avisar, desaparecendo com elas, objectos de valor. Nina tinha de preparar aulas, deslocar-se entre as duas escolas onde completava horário desde as 8 da manhã, e preparar reuniões de avaliação para as duas, que decorriam entre as 6 da tarde e as 10 da noite. Luís nunca saía do trabalho antes das 8 da noite. Nina trazia as crianças ou para a reunião, ou deixava-as em casa com uma *babysitter* nova, de modo a poder voltar para as reuniões. Luís não se apercebeu do desgaste de Nina. Queixava-se de que ela não estava fresca como antes, que já não queria fazer amor, que estava irritável e magra de mais. Perguntava-lhe sempre o que tinha ela feito de especial durante todo o dia, já que a casa estava sempre igualmente arrumada. Luís nunca admitiria que o seu trabalho pudesse ser posto em segundo plano, pois ter mulher e filhos era algo natural e todos andavam pelo seu próprio pé. Naturalmente, não se apercebeu do esgotamento nervoso de Nina. Luís achou sempre que Nina exagerava, que fazia tempestade num copo-d'água. Nem via porque seria complicado levá-los à pediatra, ao dentista e à lição de piano. Antes de partir para a clínica e fazer uma cura de sono, Nina enviou os três filhos para França e deixou-lhe um recado escrito. Escreveu-o na parede branca da sala, de cima a baixo, com as canetas de feltro dos filhos: "Hoje também não fiz nada de especial. Nem tive a tua ajuda. Só me levantei a correr, vesti a Laura, o Jean e a Marie, dei-lhes o pequeno-almoço enquanto tu tomavas duche e vias as notícias. Lavei-

lhes os dentes, fiz-lhes os lanches e o almoço para a escola. Meti tudo no carro com as mochilas preparadas para a ginástica da Marie, o judo do Jean e a natação da Laura. Deixei-os nas duas escolas e segui para a minha. Depois de meio dia de aulas que não me dá para viver de forma independente, fui a correr ao supermercado e à peixaria. Carreguei com tudo para casa e arrumei. Comecei imediatamente a fazer sopa e a adiantar o jantar. Fiz as camas, lavei duas máquinas de roupa e estendi-a. Lavei, a correr, as casas de banho e apanhei tudo o que estava pelo chão. Fui buscar os três, às 4 da tarde. Tu nunca saíste a essa hora para ires buscar os teus filhos. Dei-lhes o lanche e levei-os ao parque, para um pouco de sol. Ao fim de uma hora, começaram as birras de cansaço. Viemos para casa, dei-lhes o banho, fiz o jantar, ajudei a Marie nos TPC e deitei-os. Contei-lhes a história da noite e a música de embalar. Foi quando tu entraste em casa. Arrumei a cozinha, servi-te o jantar, tratei da roupa deles e arrumei as mochilas. Sentaste-te a ver TV e eu fui preparar as minhas aulas para o dia seguinte, os relatórios, as actas e as fichas. Tomei banho e jantei. Adormeci de exaustão. Adeus, parto de exaustão. Enviei-os para os meus pais. Não sei se volto." Assinou e deixou um beijo com batom, na parede.

.....

**13-1-2016 - Bom dia!**

- Grunf...
- Tem sopa?
- Veja no cartaz.
- Ah, sopa de abóbora, que delícia...
- Grunf ...
- Queria uma, se faz favor.
- Grunf.
- Talvez beba também um suminho...
- Você é que sabe.
- Desculpe, "você" não; a senhora...
- Você é que sabe.
- Não me trate por "você", sou uma cliente. Não teve formação?
- Grunf.
- Estou a tratá-la como um ser humano desde que entrei no café. Esforce-se por merecê-lo.
- Grunf.

.....

**14-1-2016** - Escreveu uma carta a si próprio para abrir dentro de 40 anos. Era importante que soubesse quem tinha sido. Anselmo não deixava nada por mãos alheias. Sabia que aos 70 anos iria querer saber quem teria sido o jovem Anselmo de 30. Dirigiu-se uma carta informal, sem deferência nem cerimónia. Afinal de contas, era de si para si. Na carta, falava um pouco de si, da sua visão do mundo, dos seus feitos, das suas ambições. Descrescia a sua vida de casado e a emoção que sentira ao ver Leonor nascer. Falava da sua profissão e de como os engenheiros civis estavam cheios de trabalho graças às auto-estradas que se rasgavam pelo país fora. Auto-prognosticava-se um futuro repleto de sensações, baseado na observação do seu temperamento afável e inteligência prática. Anselmo não queria desencontrar-se consigo próprio. Esta carta era como marcar um ponto de encontro para mais tarde poder sentar-se a uma mesa a tomar café consigo mesmo. Um dos receios de Anselmo era tornar-se igual ao próprio pai, um bronco insensível e desleixado com a vida. O filho, por antítese, organizava e planificava cada passo até ao mais ínfimo pormenor. Até mesmo o dia da sua morte estava marcado no seu calendário, por estimativa, o que lhe permitira pagar antecipadamente um plano de cremação e exéquias. Anselmo era perito quer nos *a priori* como nos *a posterioris*. Era um homem de ponderações, de vaticínios, de planos e realizações. A cada ideia fazia corresponder a sua realização para que não se tornasse num ser utópico como o pai. Um bom sonhador tinha de ter os pés assentes na terra. Assim, quando aos 70 anos, no dia do seu aniversário, abriu a carta que endereçara a si próprio, chorou de emoção pelo jovem interlocutor puro, sincero, honesto e autêntico que lhe escrevia. Quase se esquecera que se tratava de si próprio. Desejara mesmo conhecê-lo. Afinal, tinha-se tornado num velho rezingão e depressivo. Tal e qual igual ao pai.

.....

**15-1-2016** - Hoje, os meninos começaram a ser maus para mim. Estávamos na sala da infantil a fazer construções de legos. A Miss teve de sair para ir ao telefone e olharam todos para mim. Pensei que tinha a bata suja, por isso fiquei envergonhado. Mas começaram todos a dizer: 'O Mateus é adoptado!'



**1-1-2017** – Morava num prédio, ao lado de uma fila de prédios que davam para a rua principal. Porém, como o seu prédio era o último da rua, a saída fazia-se pelas traseiras. Como Arnaldo gostaria de sair da garagem, pela rua principal. Como ele desejava sair pela porta do cavalo e não pela porta do burro, do bode e das galinhas. O problema era, claramente, esse. A saída pela rua estreita traseira era uma dor de cabeça, constante. Há 17 anos que aturava aquilo. A rua era tão tortuosa e apertada que Arnaldo chamava-lhe, como quem a insulta, a “rua-do-olho-do-ânus”. Era ordinário, ele sabia, mas os entupimentos e as pilosidades naquele trânsito matinal davam-lhe cabo da paciência. De manhã, quando tirava o carro da garagem, com o tempo contado para se fazer ao trânsito, Arnaldo sabia que ia demorar mais a contornar as curvas da rua-do-olho-do-ânus do que a descer a rua principal para o centro da cidade. E aquilo mexia-lhe com os nervos. O problema estava nos “dromedários-pisa-ovos” que rolavam a 5 km à hora, com medo de se despistarem. Depois, havia as avós-bem-penteadas que ali encostavam, à espera de que os netos descessem para os levarem ao colégio. Havia ainda cargas-e-descargas-do-demônio-e-do-diabo-a-sete. Sete? Não eram quatro? Não, ali eram sete. Depois, havia homens, figuras de narcisismo ferido e peito construído, que, quando Arnaldo buzina para se despacharem e fazia sinais de luzes, saíam do carro com o orgulho beliscado, enfrentavam-no e perguntavam-lhe o que é que ele queria. Incrédulo, Arnaldo proferia: 'O senhor está a bloquear a estrada. Desimpeça a via, sff'. E as criaturas trogloditas insuflavam o peito, vomitavam palavrões e insultavam-lhe a mãe. Era tudo muito visceral, muito sórdido, daí o nome que Arnaldo dera à rua ser tão apropriado, embora nessa altura o seu vernáculo se aprimorasse. Era necessária uma paciência de morto para fazer aquela voltinha todas as manhãs. Havia de tudo, desde o carro-do-lixo ao chico-esperto à procura de estacionamento, curvando devagar a rua, pela terceira vez, a 3 km à hora. Contudo, quando saíam dos carros para o vir insultar porque ele queria passar, bloqueando macacamente a passagem, é que Arnaldo pensava que se devia ter mudado há muito para um prédio da rua principal. Chegara finalmente à conclusão que todos os trogloditas, Neandertais e macacos que tais passavam por ali e davam a voltinha na circunferência peristáltica.

. . . . .

**2-1-2017** – Era a sétima mulher do pai mas, certamente, a mais estranha. Sofria de uma estranha síndrome que se revelava apenas à hora do jantar. Quando estavam a jantar, com ou sem convidados, Marinela revelava o monstro dentro de si. Destratava os enteados de forma neurótica e metódica. Começava logo na cozinha por não responder às suas perguntas. Os enteados ofereciam ajuda, perguntando: 'Posso fatiar o pão?' ou '**Levo** já a salada?'. Mas levavam umas trombas de resposta e um silêncio hostil, de costas voltadas. Quando se sentavam à mesa, o marido não se apercebia logo de que ela vinha já de burros amarrados. Era, pois, à mesa que a fase de maior agressividade se revelava. Marinela recusava-se a passar à enteada, o acompanhamento, o pão ou o vinho. O marido pegava nas coisas por ela, como quem ignora ou não vê tamanha grosseria. Marinela descaía os ombros para uma posição embrutecida, de olhos postos na sopa e cotovelo na mesa, segurando a cabeça com a mão. Os enteados ficavam incrédulos com semelhante atitude. Depois, a mulher do pai lançava comentários cáusticos como labaredas prontas a incendiar uma floresta. Mandava bocas ácidas, críticas tácitas. Dizia que ficava presa em casa por causa dos enteados, quando na verdade, era o pai que recebia os filhos. De visita abreviada e saída apressada, os enteados nada respondiam, fazendo conversa amável sobre o tempo. De seguida, elogiavam a sobremesa e, amavelmente, perguntavam à mulher que ingredientes usara na musse de manga. Mais não recebiam do que uns grunhidos vindos de uma carantonha afundada no prato. Aqueles jantares pareciam-se imenso com o excêntrico chá do chapeleiro louco em “Alice no país das bipolaridades”.

.....

**3-1-2017** – Pai, foi para ti que voltei a correr, assim que soube que estavas doente. Toda a minha vida foi feita de regressos. Mas este é, sem dúvida, o mais inconsequente e desesperado de todos. Pai, pai, não posso conceber a vida sem ti, sem te ter do outro lado da linha, sem regressar a ti, no Natal, na Páscoa e nos teus anos. E lembras-te de como festejavas o meu dia-de-anos, quando eu era pequena? Levavas-me a ver o pôr-do-sol na praia, em Dezembro. Corríamos descalços pela areia, saltávamos ondas, construíamos muros e castelos. Pai, pai, como era bom brincares comigo como se tivesses a minha idade. Corríamos na praia, atrás do cão, fazias piruetas, levantavas-me no ar, lançávamos papagaios-de-papel. Sempre

foste tudo para mim, pai. Recentemente, mostraste-me uma gravação áudio da minha infância. Soube que gravavas, com frequência, o meu riso e as minhas gargalhadas. Gostavas de ouvir-me rir, mesmo quando eu estava a dormir. E tinha tantos motivos para rir, ao pé de ti, pai. Depois, aconteceu aquilo e nunca mais consegui rir. A mãe morreu e os nossos passeios na praia tornaram-se quase diários. Diria que evitávamos a todo o custo, o naufrágio das nossas vidas. Corríamos em busca da infância perfeita e do riso inocente. Mas a mãe deixou um vazio tão grande, que tu também deixaste de rir, pai. Quero voltar aos pores-do-sol perfeitos do passado. Mas não os encontro, já. Regresso com medo de perder mais um pilar da minha história. Regresso no primeiro avião da noite e tudo o que quero é passear contigo na praia, pai.

.....

**4-1-2017** – Estavam a viver uma história de paixão e sexo. Era tudo uma questão de química. A ausência de um corpo no outro provocava febre, tremores, bocas secas. Ariana despia-se com fome de prazer. Rui envolvia-a com o calor do corpo, num abraço nupcial que os mergulhava no abismo do desejo. Quando Rui partia, Ariana sentia a sua ausência gelar-lhe o corpo, os dedos, os lábios roxos. Estavam doentes de paixão, carentes, corpos colados na fusão das noites. Não dormiam para se poderem amar. Dormitavam, acordavam, amavam-se, adormeciam, beijavam-se. Rui e Ariana sabiam estar condenados àquela paixão, num consumo de corpos e almas. A Natureza assim ditara, haviam de amar-se até um filho lhe crescer no ventre. Até esse dia, viveriam febris, na fimbria da madrugada, como quem escalda, como quem enlouquece.

.....

**5-1-2017** – Maria Fernanda escondia-se nos vãos de escada dos teatros para comprar ingressos para sessões de histórias infantis. Não tinha filhos nem netos, sobrinhos ou afilhados. Precisava apenas que lhe contassem histórias, assim como quem a embala e apazigua. Ia, portanto, sozinha. Nunca lhe tinham contado histórias em criança. Com a revolução, os pais fugiram para o Brasil, os tios, para França e os que ficaram perderam a vontade de contar histórias. Tarde na vida, perto dos 50, Maria Fernanda compreendera que só as histórias minimizavam a angústia que lhe apertava

o peito. Sem explicação racional para isso, quando o seu peito seguia o ritmo das palavras e da magia, a mente abria-se para um estado de paz e sabedoria. Nada havia que a devolvesse a um tempo que não vivera, a um colo que não a embalara, como ter quem lhe contasse histórias. Maria Fernanda era a criança pequena a quem não tinham dado mimo nem atenção. E a falta que tudo isso lhe fazia, sobretudo agora, era monumental. No seu imaginário, durante as sessões de conto, perfilavam-se seres místicos, onnipotentes, musicais e irreverentes. Da Casinha de Chocolate, retirava a auto-confiança reforçada da irmã mais nova; de Capuchinho Vermelho retirava a autonomia e sentido de responsabilidade; da Branca de Neve, um complexo de Electra que a hipnotizava. Cruzava o prazer do embalo com uma verdadeira psicanálise dos contos de fadas. Aquela dimensão das histórias não existia em concreto, na vida real, mas era todo o alicerce de uma vida de abandonos. Só um colo como aquele a podia curar da infância.

.....

**6-1-2017** – No início do casamento, Ana estava ainda muito parecida com Alfredo. Havia uma química entre os dois que os fundia, lhes inculcia os mesmos interesses e até os aproximava na maneira de falar. Ana era muito menos social mas, por osmose, tornara-se extrovertida à conta das elocuições públicas de Alfredo. Foi com o passar dos anos que Ana descobriu o quão diferente era de Alfredo. Veio ter com ela a necessidade de silêncio e serenidade, enquanto Alfredo continuava eléctrico e hiperactivo. A pouco e pouco, Ana foi mais ao encontro de si e do seu interior, percebendo que certos discursos sociais que proferia nada tinham a ver com o seu perfil, mas com uma referência enquanto casal. Tinham sido, então, o casal perfeito. Vestiam de igual, jogavam ténis e comiam saladas de quinoa ou *bulgur*. A maturidade tinha-lhe trazido um maior sentido de individualidade e mais consciência interior. Era a dita evolução pessoal que atravessara o seu casamento e os conduziu ao divórcio.

.....

**7-1-2017** – Tinha sido uma infância dolorosa e alvo de muito injustiça, com maus tratos por parte dos vários membros da família. Como se não bastasse, estes eram manietados pela mulher do pai, criatura falsa e

alucinada. Invejosa da beleza e juventude da enteada, a bruxa má perguntava, insegura, ao espelho, quem era a mais bela de todas. Era evidente que a pequena Clara era a mais Branca, a mais bela e a mais jovem. Josenilda apodrecia a olhos vistos, mas a podridão começava por dentro, nas entranhas fétidas. As maldades que perpetrava contra a pequena Clara tinham-lhe transformado a infância num pequeno inferno, num mar de infelicidade. Tudo passaria impune pelos anais da história se um dia Clara não crescesse para se tornar escritora. Escreveu, na idade madura, uma tetralogia sobre os males e as infelicidades da infância. Publicados os quatro volumes, ascendeu imediatamente a best-seller e cedo chegou ao cinema. Na família, todos se revoltaram contra ela, acusando-a de votá-los ao vexame público. Preocuparam-se imediatamente com a imagem com que ficariam devido ao desaforo da mal-agradecida criatura. Mostraram-se chocados com o desplante com que os retratara a todos, de forma crua e ridícula. Cortaram relações com Clara e aconselharam a restante família, inclusive a distante, a fazer o mesmo. O que estava em causa não era o sofrimento por que Clara passara, mas sim o facto de esta ter escrito sobre eles, expondo-os a todos. Uma grande ingrata, era o que era.

.....

**8-1-2017** – O beijo. O caso não era para menos. Era o primeiro beijo de Joana e o terceiro de Luís. Beijara outras meninas, embora a primeira fosse prima em terceiro grau, só para treinar, por isso não contava. O beijo precedido de discreto abraço. Seria mais um envolver de ombro e um acariciar de cabelos. Luís beijava, concentrado na mecânica da coisa, sincronizando movimentos de braços com enroscar de lábios. Joana deixava a mecânica de lado para se concentrar apenas na sensação, teria ele lavado os dentes?, e na emoção, que fraqueza é esta que sinto nas pernas? Luís tinha muito a provar com aquele beijo, a sua masculinidade, a capacidade para seduzir e proteger. Joana não tinha nada a provar nem a sincronizar. Apenas se deixava levar pelo calor do momento, o fogo do arroubo. E assim, num simples beijo se definia a postura de cada um, na vida e no amor. Luís premeditado, Joana espontânea, Luís matemático, Joana poética. Havia de ser sempre assim, dali para a frente, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na pobreza e na riqueza, até que a morte os separasse.

.....

**9-1-2017** – Tinha sido o melhor ano da sua vida. Tinha finalmente chegado ao grande portão da felicidade. Nunca passaria desse portão, porquanto a vida era apenas um preâmbulo, mas estar ali, contemplá-lo de perto, era já suficiente para tocar na felicidade. Esse patamar concedia-lhe um aumentado estado de graça. Viviane tinha chegado ao grande portão onde a partir do qual tudo seria possível. E isto porque não levava já na bagagem a soberba, a expectativa, a ânsia e a fome. Vivia agora da frugalidade da paz interior, da entrega à surpresa e sobretudo, da humildade. A humildade fizera dela a grande mulher que era agora, despojada, confiante, autêntica. Mas o que Viviane mais prezava era a recém-adquirida capacidade de esquecer e perdoar. Com esta leveza, saltava, descalça, por cima das nuvens e cantarolava canções de infância. Estava no céu. A humildade moldava as grandes pessoas. Ser humilde era ser grande. Viviane era agora tão grande quanto a sua capacidade de abraçar o outro e oferecer-lhe o perdão.

.....

**10-1-2017** – Só Jonas, o cão, sabia o quão Ernesto era impulsivo e irascível. Só o cão assistia aos seus ataques de fúria. Só Jonas levava tarefas monumentais quando Ernesto entendia que ele devia fazer o que lhe mandava. Os humanos eram muito imprevisíveis e traiçoeiros, mas Ernesto era uma bomba com rastilho curto. Jonas levava, depois, longos dias dolorosos, para recuperar dos hematomas, à conta dos pontapés e objectos atirados para cima do lombo. Ernesto tinha crises de fúria. Mas era também visível que sentia um certo prazer sádico em maltratar o cão que lhe era tão fiel. Havia uma certa adrenalina que se libertava ao fazer-lhe mal. Depois de o espancar, Ernesto aliviava a raiva e sentia-se logo melhor. Era então que se deixava acometer de um certo arrependimento, de uma pontinha de remorso. Aproximava-se de Jonas com o saco de biscoitos e este levantava-se, dorido, abanando a cauda, devagar, e comendo da mão do dono, aquela mesma mão que havia de espancá-lo novamente, em breve.

.....

**11-1-2017** – Durante muitos meses após perder a filha, Luísa continuava a ouvi-la chegar, todas as noites. Esperava-a sempre, antes de adormecer, e só então caía no sono, tranquilamente. Acreditava mesmo que a ouvia

meter a chave na fechadura e entrar em casa, pé-ante-pé, para não a acordar. Devastada pela partida da única filha, a mãe sobrevivia à conta de piedosas alucinações. Às vezes, ouvia-lhe mesmo a voz, o riso. Era extremamente claro quando ouvia chamar 'Mãe?' A palavra ecoava, então, no corredor. 'Mãe? Mãe? Mãe?'. Só depois de a ouvir, voltava a adormecer, descansada. A sua menina estava em casa, sã e salva. Mas a verdade é que não estava. Ninguém tinha passado por aquela porta. Luísa estava a alucinar para se proteger. Não podia nem queria aceitar que a filha já não estava ali. Nunca mais.

.....

**12-1-2017** – Sempre que estava constipado, Arsénio roncava como um porco. Era um espectáculo indigno de se ouvir, provocando mesmo náuseas e espasmos gástricos aos mais sensíveis. Chamado à atenção pelos mais próximos, Arsénio ripostava, espumando, irritadiço. Escusava-se perante a saúde frágil, o catarro preso, a glote delicada. O que é certo é que causava repugnância aos que o rodeavam. Puxava do catarro com esforço aturado, escarrava para o lenço de linho *bordeaux* com as iniciais do pai, dava estalidos com a laringe e assoava-se ruidosamente. À parte isso, tinha um tique irritadiço que coincidia com um pigarreio forçado, assim como quem escarra mas o evita, depois de muitas e sonoras excrescências peitorais. Quando Arsénio chegava ao ginásio, todos fugiam da sua pujança brônquica. Naquela cavidade bucal, a expectoração não rolava, apenas, mas cantava verdadeiramente como uma rola em comoção por existir. Sabiam que por detrás daquele crânio calvo e perninhas de alicate estava um homem capaz de levar qualquer um ao abismo do vômito.

.....

**13-1-2017** – Aquilo não podia ser difícil. Só tinha de o amamentar de 2 em 2 horas. Depois, pô-lo a arrotar e mudar-lhe a fralda. Aquilo não podia ser difícil. Só tinha de estar sempre vigilante a seu lado, dia e noite, noite e dia. Estar atenta aos engasgos, ao respirar livremente, sem sufocos. Aquilo não podia ser difícil. Só tinha de intercalar uma papa entre as mamadas e depois introduzir a sopa, primeiro só legumes, depois peixe ou carne, lentamente. Aquilo não podia ser difícil. Só tinha de estar totalmente disponível durante os seis meses de baixa, dormir durante o dia com o bebé

para aguentar as noitadas de cólicas, manter o stock de fraldas com vantagem, esterilizar biberões, chuchas e pipetas. Aquilo não podia ser difícil. Só tinha de recuperar a forma física, sair com o bebé para passear, cadeirinha e saco, escadas abaixo, escadas acima. Só tinha de levar o bebé a pesar todas as semanas, verificar se o leite materno estava a saciá-lo, verificar o contrário, introduzir o biberão. Ir ao pediatra, vacinas e mais vacinas, conselhos, advertências. Aquilo não podia ser difícil. Só tinha de lavar máquinas de roupa, estender, engomar, comprar, cozinhar. Brincar, diariamente, no tapete de actividades com brinquedos didácticos, cantar lengalengas para comer e para dormir. Aquilo não podia ser difícil. Só tinha de ser mãe para o resto da vida. Sem saber porquê, aquela perspectiva assustava-a de morte.

.....

**14-1-2017** – Não era totalmente clara a razão que levara Maria da Conceição a abandonar os filhos. Segundo a própria, não se tratara de um abandono, mas de uma entrega à guarda da avó. Marianinha tinha uns frágeis 2 anos e Luizinho, apenas 4. Tinham ainda a inocência na forma como olhavam para o mundo, exprimindo no olhar tudo o que sentiam. O medo e a incerteza passava-lhes pelo olhar como uma tempestade de solidão. Em choque, perguntavam: ‘A mamã?’ E depois, acrescentavam: ‘Eu quero a minha mamã...’ Mas Maria da Conceição já tinha partido. Virara costas de forma determinada, como quem não tem coração. O pai havia de saber que as crianças tinham sido entregues à mãe dele, mas só regressaria de longe, meses mais tarde. Marianinha não comia sólidos e ainda fazia chichi na cama. Luizinho tinha muitos medos e tiques, via o telejornal e preocupava-se com a guerra no mundo. De noite, gritava com pesadelos, aterrado com medo de mamã poder morrer, lá longe, na guerra. Marianinha chuchava no dedo e assim dormia toda a noite. Mamã tinha-lhe tirado a chucha e simulado atirá-la pela janela, antes de partir. Fora o primeiro contacto de Marianinha com a violência. O abandono de mamã era o segundo. A vida era dura para meninos perdidos da mãe. Nunca fora totalmente esclarecida a razão que levara Maria da Conceição a abandonar os filhos. A história daquela família perdera um curso de afecto para se atormentar com abandono e culpa. Para sempre.

.....



**15-1-2017** – Aos quatro anos, Marianinha tem de ser operada aos adenóides e às amígdalas. Também lhe tiraram o pai e a mãe, desde que se divorciaram. Marianinha faz febre todas as semanas, dói-lhe no pai, dói-lhe na mãe. Veio uma tia para estar com ela. Nunca a tinha visto. Cheira a naftalina. A tia Adelaide tem uma voz simpática e sorri muito, mas Marianinha nunca conheceu ninguém que se chamasse Adelaide. Decide não gostar dela. Amua. Recusa a comida. Com quatro anos, ainda usa fralda, de noite. Faz chichi na cama. A avó zangou-se muito com ela, por causa disso. A tia Adelaide sorri e não se zanga. Amanhã vão cedo para o hospital. Marianinha sabe que depois da operação, vai comer muitos gelados. A tia já comprou alguns para o congelador. O congelador é muito frio. Na pediatria, os adultos não podem entrar no bloco. Marianinha está muito zangada. Queria uma mãe, como todos os meninos. Antes de entrar, há uma salinha de pinturas com umas senhoras de bata. Sorriem e dão-lhe folhas e lápis para um desenho. Marianinha faz cara feia, não responde. Pega nos lápis e começa a riscar, a riscar, a riscar com tanta força até rasgar a folha toda. Pega noutra folha, risca, rasga, rasga, risca. As senhoras fingem que não vêem. Marianinha é levada para a sala de operações. São todos muito maus. Mariana grita, dá pontapés, chama feios e maus aos senhores de touca. Seguram-na com força, Amarram-na a um cadeirão. Marianinha arranha, empurra, grita. Amarram-lhe as mãos atrás das costas. Marianinha sente muita raiva, arranca tudo e voltam a amarrá-la. Estes senhores são muito maus, pensa Marianinha. E com raiva, arranca tudo outra vez. Desta vez, não mostra as mãos livres, para não voltarem a magoá-la. ‘Esta é lutadora’, diz um senhor feio, mas Marianinha cai já com o efeito da anestesia. A anestesia é assustadora, parece uma máscara a sufocá-la, enquanto ela pontapeia e cospe aos senhores maus. Depois, acorda num quarto que parece uma cozinha, com pratos de metal. Sente uma cama muito fria e dura. Passa a noite inteira acordada, horas a virar-se de um lado para o outro. Tudo aquilo é assustador. Sem mamã, tudo é assustador. Há outro menino a chorar. Tem uma voz rouca e estranha. Sentada, está uma senhora simpática. Quando já se vê luz, Marianinha pergunta-lhe? ‘Quantos meses passei aqui?’ E a senhora responde: ‘Só uma noite, Mariana. Só uma noite.’

.....

**16-1-2017** – Andavam sempre juntos e faziam tudo colados um ao outro. Dormiam na mesma cama, comiam do mesmo prato, bebiam do mesmo copo. Bruno e Bruna não eram casados mas eram muito mais do que isso. Viviam em perfeita fusão e em absoluta osmose. De manhã, tomavam duche juntos, beijando-se enquanto se ensaboavam, num amor tão carnal quanto espiritual. Depois, cozinhavam juntos uma omeleta mista, faziam tostas e tiravam uma xícara grande de café para dividir. Bruno segurava na mão de Bruna, que segurava no garfo e o introduzia na boca, com omeleta. Depois, repetiam o mesmo movimento, mas desta feita, para a boca de Bruno. Por essa razão, a mesa da cozinha tinha apenas uma cadeira. Sentada a seu colo, Bruna bebericava café, logo passando a xícara para os lábios de Bruno. Na rua, andavam abraçados e de passos sincronizados. Se ele avançava com o pé direito, ela contrapunha o esquerdo, de modo a manter o equilíbrio da marcha. De Inverno, usavam apenas um casaco para os dois. Quem os via passar, não se apercebia de serem duas pessoas. A olho distraído, dir-se-ia tratar-se apenas de uma pessoa que esvoaçava de felicidade estonteante.

. . . . .

**17-1-2017** – A mãe soubera desde sempre que o pequeno Raul tinha talento para as artes. Os seus desenhos eram os mais belos da aula, ainda na creche e depois, nas Belas-Artes. Vibrava com música e muito especialmente, fado, já aos quatro anos. Raul era espontaneamente talentoso, sobretudo na encarnação de personagens, vozes e caricaturas. Era um espectáculo permanente assistir ao desabrochar daquele filho. No dia em que Raul se fez actor, pelo Conservatório Nacional, a mãe continuou a ser a sua fã mais acérrima. Nem dormia na noite das antestreias e ia ver os espectáculos todos os dias, até ao fim. Conhecia as falas de cor, as marcações de palco e o guarda-roupa. Maria Leopoldina chorava em todas as cenas, em todos os momentos emotivos das peças. Mas era ao ver o desempenho do filho que as lágrimas lhe rolavam, rosto abaixo, com a emoção de amar demasiado. Celebrava o espectáculo da sua existência com gritos de “bravo” e palmas até lhe doerem as mãos. Assistia à vida do filho, como quem aprecia uma obra de arte.

. . . . .

**1-1-2018** - Quando eu morrer, não venham cá dizer: "Ah, coitada era tão boa pessoa..." e aquelas piroseiras do género "Mais uma estrelinha no céu", "Até sempre" ou "Deus chama a si os bons"... Digam-no agora, telefonem-me, marquem almoços, pensem em mim. Não digam aquelas baboseiras "Que pena, só nos vemos nos enterros" ou "Temos de nos ver." Sim, esta é a pior: "Temos de nos ver!", mas também aquela "Aparece" ou "Temos de tomar um café". Café tomo eu todos os dias, ouviram? Três por dia. E não consta que vocês estejam sentados a meu lado, nas últimas décadas de bicas escaldadas. Quando eu vos envio convites para um espectáculo, depois de meses de trabalho e dedicação, continuem a não aparecer e a fingir que não é nada convosco. Esta actriz há-de morrer, um dia, e só então vocês dirão: "Ah, ela era tão boa atriz..." Ai, era? Como é que sabem, se nunca foram ver nada? Sim, continuem a ignorar os meus convites e, depois de o espectáculo acabar ou ir para digressão, perguntem-me 'Ah, não vão repor? Esta semana não posso, mas para a próxima, já podia. Esta noite, não, mas na próxima já posso. É a vossa folga? Que pena, eu afinal só podia aí.' Quando eu morrer, não se arrependam por terem sido uns amigos-da-onça, porque já não estarei viva para ter pena de vocês. O futuro é agora. Deitem a mão aos amigos, aos familiares, aos próximos. Levem aquela tia mais velha a lanchar, ao teatro, ao cinema. Levem um sobrinho a comer um gelado, ao jardim. A vida não pode ser só ganhar dinheiro, caramba! Estou farta de ver energúmenos arrependidos de não terem sido mais humanos. Metam isso na vossa lista de ano novo: "A ver se nos vemos neste ano." Apareçam! Bom ano novo, meus estafermos!

. . . . .

**2-1-2018** - Era tudo o que lhe restava como memória de infância. Uma avó ríspida e dura. Os outros meninos tinham mães doces e pais presentes, mas ele só tinha uma avó seca e fria. Contudo, décadas decorridas, Gaspar tinha guardado aquela lembrança de avó como a mais doce e terna. Recordava-a com ternura, apesar dos maus-tratos, chorava-a com saudade. Quando pensava nos pormenores, logo vinham à tona as repreensões, a inflexibilidade, as reprimendas diárias. Se pensasse bem, a avó detestava crianças, a julgar pela forma como o tratara e como desabafava os tormentos que tinha na vida, por causa dele. Mas em adulto, tudo o que lhe vinha à memória era o terno sorriso da avó, a bondade, a generosidade e a condescendência. Se

pensasse bem, lá no fundo, havia de encontrar a memória da avó, passando a mão nos seus cabelos, enquanto ele brincava no chão, com os carrinhos de lata, nas noites frias sem mãe.

.....

**3-1-2018** - Pilar desenvolvera aquilo que poderia chamar-se “pânico da plateia vazia”. Não era fácil ser artista de comédia *stand up* e não ter público. Pilar não tinha um pilar a que se pudesse agarrar, naquelas alturas de vazio. Vazio de plateia. Certo é que ninguém é profeta na sua terra e que, por isso, a família e amigos de infância e faculdade nunca iriam vê-la a dizer disparates e ainda por cima, pagar por isso. O restante público resumia-se à senhora da limpeza e ao produtor. Na realidade, havia tantas solicitações e não havia nada mais desinteressante do que um nome desconhecido. Pilar pensou em despir-se, oferecer bifanas, dar canetas e bonés, mas nada disso vingou como estratégia desesperada de marketing, junto do produtor. Pilar tinha talento, trabalhava muito no repertório de piadas, acompanhava a actualidade política e internacional e até tinha arranjado uma peruca de Trump, mas a verdade é que, por mais que enviasse convites por Facebook, ninguém dos seus amigos, conhecidos, família e amigos virtuais queria saber dela. Ninguém dava um passo que fosse para perder o seu tempo com ela. A verdade é que quando Pilar teve um acidente estúpido, ao ser atropelada na passadeira, começou a receber mensagens pelo *Messenger*, depois de ter publicado fotografia das pernas partidas no Facebook. Dessa vez, muitos fizeram votos de boa recuperação, exprimindo todos o mesmo desejo: "A ver se é para o ano que te vamos ver à estreia." Apesar de comediante, Pilar perdeu para sempre o sentido de humor, desistiu de fazer o que a fazia feliz e tirou um curso de enfermagem, com o único propósito de aliviar a dor alheia.

.....

**4-1-2018** - Nunca tinha passado mal na vida. Por essa razão, Chiara era um criatura insensível, sem a menor compaixão pelo ser humano. Nunca lhe morrera um ente querido, nunca lhe faltara dinheiro, jamais passara frio, fome ou necessidades de qualquer ordem. Era uma menina protegida pelo papá, mimada pela mamã, abençoada pelos avós e pelos padrinhos. Nunca lhe ter faltado nada fez dela um ser humano execrável. Chiara era caprichosa, invejosa e permanentemente

insatisfeita. Nunca dava valor ao sacrifício de outrem, não sabia mesmo o que era sacrifício pessoal ou profissional. Nunca sentira na carne, a dor da perda. Nunca experimentara no rosto, o frio da montanha, senão quando esquiava nos Alpes Suíços, nas férias do Carnaval. Chiara era uma menina perfeita, criada numa casa perfeita com empregadas domésticas perfeitas, ao seu serviço. Sem saber como nem porquê, estes pais tinham estragado um ser humano, com excesso de mordomias e total falta de experiências válidas de vida. Chiara não prestava senão para fazer exigências. E nisso, o seu talento era gritante. Literalmente.

.....

**5-1-2018** - Quando Ema nasceu, já vinha tarde para quase tudo na vida. Vinha tarde para salvar os pais de um divórcio hediondo. Tarde para os unir de uma separação devastadora. Ema vinha tarde para a alegria, a comunhão das famílias e os primeiros passos, na inocência de uma casa. Era demasiado tarde para viver. Na vida, não chegou a conhecer os avós maternos, os tios paternos, os primos da Holanda. Era como se a família fosse um barco em naufrágio. Pai e mãe eram dois seres em negação. Não tinham vocação para serem pai e mãe nem sabiam o que fazer com um pequeno apêndice humano em plena muda de dentes-de-leite. Ema chegou a uma casa sem magia e sem fadas-dos-dentes onde lhe contassem a história do quão preciosa a infância pode ser. Chegou tarde aos tempos em que a adolescência seria um desafio de descobertas. Em vez disso, ficou trancada em casa, a lidar com a neurose da mãe e a ausência do pai. Aos quinze anos, já estava cansada de viver. Nada apelava ao seu sentido de sobrevivência. Tinha desenvolvido uma frieza afectiva que raiava a sociopatia. Ema não gostava de nada nem de ninguém. Não foi difícil partir de casa para sítio nenhum e ir parar à porta de um homem que solicitara serviços domésticos. Ema parecia ter 21 anos, vestida e maquilhada. Anunciou-se como empregada interna e conquistou, assim, a independência e a libertação. Chegara tarde à vida, portanto, não vivera as etapas da infância, da felicidade despreocupada e da adolescência temerária. Saltara de imediato para uma vida laboral e monocórdica. Desempenhava as suas funções com segura e cinzentismo. Afinal de contas, não fazia ideia do que seria viver sem ter chegado tarde e a más horas, à vida. Era demasiado tarde para ser.

.....

**6-1-2018** - Quando se vive demasiado tempo sozinho, a tendência é para transformar-se num selvagem. Rui já vivia isolado há demasiado tempo para se aperceber de que no regresso à civilização, não podia arrotar para o ar, comer com as mãos ou limpar os ouvidos com as unhas. Eram pequenos detalhes que faziam dele um burgesso, um ser repugnante, aos olhos dos outros. Como eremita, um tanto sociopata, entenda-se, Rui desprezava certas maneiras de cortesia, quais tiques de pequeno-burgueses armados em vaidosos e amaneirados. Mas o certo era que era insustentável estar perto dos outros com determinados tiques de selvagem, já para não referir a rudeza de modos e a dispensa de cumprimentos sociais. Rui vivia num mundo à parte, onde o ruído era quase animal e a falta de estética e higiene podiam ser ofensivas, em sociedade. Foi este pai que Sofia viu chegar à sua vida, em véspera de Dia de Reis. Julgando tratar-se de um vagabundo, Sofia nem sequer lhe abriu a porta de casa.

. . . . .

**7-1-2018** - "Não, não sou essa miúda fútil que todos pensam que sou!", articulava Joana, em pensamento. Para o mundo, ela era só uma carinha vaidosa, e o que saltava à vista era o cabelo esticado, as unhas arranjadas e a maquilhagem perfeita. "Não, não sou essa boneca de cabeça oca, que vocês pensam que sou", gritava para dentro. O rótulo era implacável: "Esta é mais uma bonitinha". Isso acarretava falta de interesse e consideração por ela, como se o facto de ser jovem, bonita e arranjada, invalidasse a capacidade de ser culta e inteligente. Os preconceitos dos velhos e experientes nem sempre se revelavam perspicazes. Joana queria provar ao mundo que não era nada disso, mas primeiro precisava de amadurecer, de envelhecer e desfear a figura. "À mulher de César não basta sê-lo, tem de parecê-lo". E assim, Joana passou a usar óculos-de-massa, deixou a maquilhagem só para dias de festa e passou a andar com os calhamaços filosóficos, que tinha na mesa-de-cabeceira, debaixo do braço, pela rua. Certa tarde, na paragem de autocarro, enquanto lia a Metafísica de Aristóteles, um eminente jovem político apaixonou-se por ela, loucamente. Consta que nada teve a ver com a beleza exterior.

. . . . .

**8-1-2018** - Considerava-se uma pessoa educada, cumpridor de normas, bom vizinho e prudente na estrada. Filho de diplomata, Rodrigo vivera um pouco por todo o mundo, do Sudeste asiático à América latina. Quando regressou a Portugal, este parecia-lhe um país extremamente pequeno, um pouco básico, mas sobretudo pitoresco. Perto do final dos vinte anos, decidiu estabelecer-se em Braga, capital do baixo Minho, privilegiada pela proximidade da praia, da serra e da cidade. O Gerês ainda era o que lhe matava as saudades da epifania em Machu Picchu, ou dos cumes nevados da Patagónia. Certo dia, recebeu uma chamada telefónica, mas em estando a conduzir, encostou à berma para poder atender, continuando a deslizar lentamente ao longo da fila dupla que se perfilava para o supermercado. Eis que logo lhe apareceu um agente da autoridade, daqueles como já só se encontra no México, de bigode farto e ventre proeminente. Abordou-o sem nenhuma solenidade, com um grito e um trejeito abdominal: ‘Pare já o carro! Está ao telemóvel!’ Rodrigo sabia-se parado e só deslizaria para acostar melhor, mas o agente, entendendo que ele estava a conduzir ao telefone, continuou a vociferar: ‘Já viu o que está a fazer? Olhe que pode perder a carta por isto! Não conhece a lei? Até parece que tirou a carta na China!’ Ao que, então, pediu a Rodrigo, a carta de condução, e este passou-lha para a mão, balbuciante, enquanto o agente abriu o documento e pôde ler os seus elementos, corando que nem um tomate: "Rodrigo da Fonseca, veículos ligeiros e motociclos, emissão: Direcção-Geral de Viação de Macau, China".

.....

**9-1-2018** - Júlio já viveu cinco décadas. Sabe o suficiente sobre a raça humana. Sabe o quão imprevisível esta pode ser. Já levou facadas de amigos, arcou com traições dos mais queridos aos mais fiéis e aparou baldes-d'água-fria dos mais inesperados. Júlio sabe que não pode confiar em ninguém, nem mesmo na própria mãe. Casado por três vezes, perdeu também a fé nessa instituição, e sobretudo, na figura feminina. A mulher é a mais bela sereia, deslumbra e seduz para matar. É certo que Júlio perdeu algum encanto pela vida, deixou de se deslumbrar com a novidade e já não acredita em ninguém. Deixou de sorrir, na maior parte das ocasiões, e já não se interessa por conhecer ninguém, de novo. No fundo, o que pretende é evitar desilusões. Sabe, agora, que a vida é demasiado curta para se

desgastar, e portanto, desenvolveu a 'filosofia-da-cortina'. Quando alguém se revela insuportável, maldosa e nefasta, Júlio puxa uma cortina imaginária e deixa de ver essa pessoa. Não se irrita, não desenvolve rancor nem se revolta. Apenas deixa de ver essa realidade incomodativa, poupando-se ao desgaste do rancor e da estupefacção. Assim, vive numa realidade povoada de seres transparentes entre cortinas que, por mais que pretendam exercer a sua vileza, não são vistos nem ouvidos.

.....

**10-1-2018** - Foi para ti que plantei esta roseira, aqui, à janela do nosso descontentamento. Foi para ti que apanhei pétalas do chão e decorei a mesa da nossa ceia de Natal. Para ti, meu amor, o perfume de todas as rosas. Para ti, a promessa de amor eterno. Partir para longe do nosso amor foi opção tua. A roseira nunca arredou pé da janela do nosso quarto. Será, para sempre, o nosso quarto, mesmo que eu me debata com a solidão parda num leito triste e gelado. Gosto de pensar que, um dia, regressarás, coberta de arrependimento e aroma a pétalas. Eras a minha deusa de cabelo dourado, à janela. Quero acreditar que tudo ficará como estava, como sempre deveria estar. Por ora, varro as pétalas do chão como quem afasta desilusões.

.....

**11-1-2018** - Há que tempos que não via a amiga! Vão almoçar juntas, para porem a conversa em dia. Helena tem algo a contar-lhe, algo de muito especial. Elsa leva-lhe uma flor. Pressente tragédia no seu tom de voz. Sentam-se num restaurante qualquer. Não importa muito o menu, o que conta é terem tempo para se ouvirem uma à outra. Helena tem uma confissão entalada na garganta. Não sabe como libertá-la. Guardou o segredo durante mais de vinte anos. Agora é a hora. O empregado do restaurante vem à mesa, atende o pedido e volta umas dez vezes com aperitivos, pão, bebidas de degustação e outros pretextos. Interrompe-as vezes sem conta. Helena quer fazer a sua confissão com privacidade mas é sistematicamente interrompida por intrusões do empregado que resolveu engrajar com a amiga. A páginas tantas, o empregado já volta à mesa só para fazer conversa, perguntas sobre a meteorologia e comentários superficiais. Helena está prestes a explodir. Tem entalado, na garganta, o facto de, na adolescência ter engravidado do namorado de Elsa, numa noite



de copos, na traseira do carro dos pais dele. Tem de lhe contar tudo isto, não aguenta mais. Tem também de lhe contar do aborto, dos remorsos de ter traído a confiança da amiga, e claro, do estafermo que é agora o seu ex-marido. Mas o empregado avança com um aperitivo especial, pergunta se as meninas são solteiras e insinua-se, dengosamente. Helena tem a emoção contida há demasiado tempo. Quer que a amiga saiba a verdade, que a perdoe ou excomungue, de uma vez por todas. Finalmente, quando o empregado leva rebuçadinhos com o café, sem ter conseguido libertar a dor da culpa nem fazer a sua confissão, Helena pega na jarra de flores, nas xícaras de café e nos rebuçados, no pão, nos copos e na caixinha com alfazema e espeta tudo nas fuças do empregado, aos gritos: ‘Deixa-nos em paz, estafermo oferecido dum raio! Vai para o diabo que te carregue mais o teu lixo de engate’. E saem a correr, abraçadas, a rir à gargalhada e sem pagar a conta.

. . . . .

**12-1-2018** - Tinha um cheiro muito peculiar, aquele creme para os hematomas. Normalmente, era a mamã quem mo espalhava nas nódoas negras. Nessas alturas, não me doía nada porque o que doía era o orgulho, mas isso eu guardava só para mim. Eu era o teu saco de pancada, papá. Dizias que eu era mau, torcido, má rês. Batias-me com tudo o que te vinha à mão, até cadeiras. Eu já não tinha os dentes da frente, mas tu espancavas-me como se fosse da primeira vez. Sabes, no fim disto tudo, eu até gostava do cheiro peculiar do creme para os hematomas. O Thrombocid era um bom creme para depois de levar nas trombas. Papá.

. . . . .

**13-1-2018** - Era importante trabalhar para a morte. Pedro notara que sempre que se morria, comentava-se o quão boa pessoa se era, além de maravilhosa e quase perfeita. Os mortos, em geral, ficavam sempre bem no necrológio. Pedro começou a preocupar-se com as suas acções. Estaria a ser demasiado frio com a mulher-a-dias, por exemplo? Seria um pai assim tão ausente? Tinha de mudar a impressão que deixaria nas pessoas, assim que batesse a bota. Afinal, não haveria nada mais desconfortável do que um comentário do género: "A morte já ceifou o sacana" ou "Era o demónio em pessoa. Não faz cá falta nenhuma." E assim, Pedro passou a exacerbar

o seu lado amável, cavalheiresco e altruísta. Fazia visitas a lares de idosos, levava bolos a orfanatos e contribuía para a sopa dos pobres. Era importante trabalhar para a morte. Não queria morrer sem ter um bom epitáfio nas páginas dos jornais e na memória das pessoas.

.....

**14-1-2018** - "Isto é uma história."

.....

**15-1-2018** - A filosofia de Paula é simplista. As dores de dentro sofrem-se com um grande sorriso por fora. Quanto mais o peito aperta, mais se apertam os amigos no peito. Paula podia ser um pau de pancada mas é um doce de pessoa. Quando a vêm chegar ao trabalho ou ao colégio do filho, pensam: "Lá vem a pateta alegre". Desconhecem que Paula sorri para não chorar. Corre para não cair. Abraça para não sentir frio. Paula abre uma janela no rosto em vez de se fechar na escuridão da depressão. Muito homem forte não aguentaria a dureza dos golpes de vida que Paula aparou. Mas ela mantém-se de pé, treinando para a felicidade que há-de vir. E sorri, sempre. Mesmo que lhe virem a cara por ela parecer demasiado estúpida e feliz.

.....

**16-1-2018** - A inveja fervia-lhe nas veias, entrava em ebulição e levava-a a dizer coisas confrangedoras para ela própria. Ema era uma invejosa-nata. Tinha tanta inveja de tudo e de todos que se contorcia num achaque incontrolável. Mas o pior de tudo era a relação com a irmã. Morria de inveja de tudo. Mas porque é que ela havia de ter um cabelo mais liso e louro do que o dela? E parecia mais magra! Porque é que aquela saía lhe ficava melhor do que a ela? Irra! Tudo ficava sempre melhor à irmã. Mas o mais insuportável era ver a mãe dar-lhe mais atenção ou ter um gesto diferente para com a irmã. Quem se julgava ela? A mãe pertencia-lhe. Nunca, nunca a partilharia! À parte a inveja, Ema nunca gostava de nada, tinha sempre de criticar tudo e ter uma opinião destrutiva para com todos. Nem que, logo depois, para ser do contra, novamente, passasse a gostar do que deitara abaixo, o que não fazia sentido nenhum. Ema era assim, sempre contra o mundo e

contra todos. Ninguém parecia encaixar nos seus moldes mentais. Só gostava daquilo que ia contra a norma vigente e que chocava. Mas a inveja era o pior de tudo. A rapariga era incapaz de ver alguém feliz, que logo armava confusão, lançando a semente do mal.

.....

**17-1-2018** - Tanto trabalho a cozinhar um arroz-de-pato para uma família que não honrava o seu esforço, só lhe dava uma alternativa... Para não sucumbir ao desespero e à frustração, só tinha mesmo uma opção: honrar o pato, em detrimento de qualquer laço familiar. À falta de nobreza de comportamento, de gentileza e consideração pelo seu trabalho, Alcinda investiu na empreitada de cozinhar e preparar, única e exclusivamente, para honrar o pato. Seria como uma cerimónia fúnebre com honras de Estado para um senhor Dom Pato, ilustre convidado. Tudo faria sentido porque o pato era meigo, gentil e... saboroso. Os filhos não ajudavam, o pato ajudava. O marido não elogiava a comida, o pato encarnava-a, na verdadeira acepção do termo. Ninguém dava valor ao seu esforço, o pato dava e por isso é que estava ali tão bem desfiado, saboroso, envolto em molho de chouriço, azeite, louro e alho, tostadinho entre camadas de arroz dourado, cor-de-amarelo-açafrão. O pato valia tudo aquilo, o seu esforço, a sua dedicação, o seu cansaço. O pato merecia o seu amor. Alcinda metia-se naqueles preparos, todos por amor ao pato. Ao pato mais amável do mundo. Ao pato que a salvava da tristeza. E assim, tudo valia a pena.

.....

**18-1-2018** - Tudo estava na forma como se diziam as coisas. O truque estava em mentir com o ar mais natural do mundo. Hipólita era especialista na técnica de parecer natural, quando tudo o que dizia era artificial. Sabia mentir tão bem como um carpinteiro sabe carpintear. Desenvolvera a arte de dominar a temperatura do corpo, o ruborescer e o gaguejar, quando se tece uma mentira. Hipólita controlava isso tudo e muito mais. À medida que pregava mentiras, gostava de analisar a forma como reagia o seu interlocutor. Era fascinante vê-lo a cair que nem um patinho, e depois dar-lhe razão e crédito. Tudo aquilo era um jogo viciante, quase como ir ao casino e deixar-se contagiar pela alucinante libertação de adrenalina. Hipólita era profissional da mentira e da aldrabice. Mas fazia-o com ar tão doce e inocente que quase se lhe

podia chamar 'anjo negro' da verdade. Acordava a mentir e deitava-se a mentir, com uma naturalidade jamais vista. Por vezes, duvidava-se de como poderia acreditar em si própria ou se, por ventura, saberia onde estava a fronteira entre a verdade e a ficção. Mas Hipólita era extremamente segura de si, pelo menos, a julgar pelo timbre de voz, firme e grave, que por si só, convencia pela convicção do tom. Quando queria enrolar mais um trouxa, Hipólita aproximava-se com maneiras de madama, elegante e sedutora, e enquanto fazia um certo ar distraído, dourava a verdade com laivos de falsidade verosímil. O que mais fascinava no seu discurso era o interesse que gerava nas pessoas, pela forma cativante como falava com elas. Teria, sem dúvida, intuído, desde cedo, as técnicas da hipnose. Todos lhe caíam aos pés.

. . . . .

**19-1-2018** - Nunca o pai lhe dera valor pelas suas acções, desde criança, nem a incentivara em nada, de acordo com o valor intrínseco da sua própria personalidade. Saiu cedo de casa. Era incomportável lidar com a crítica permanente, o descrédito, os comentários amargos. Sentia-se uma adulta, já aos nove anos, quando lhe era insuportável que o pai lhe desse ordens como quem põe e dispõe de um escravo. Sara sentia, já então, que tinha dignidade, e não era por ter nove anos que o pai a podia tratar como um objecto. Contudo, nessa idade, ainda não tinha as palavras para verbalizar tudo isso nem o pensamento racional organizado para refutar aquele comportamento do progenitor. Tinha, sim, as emoções beliscadas que a levavam a saber o que queria para si. E não queria maus-tratos nem enxovalhos à auto-estima. Por isso, três dias antes de fazer dezoito anos, saiu de casa e partiu para o futuro. Tinha juntado dinheiro, roubado também à avó e à madrasta, angariado bolachas, marmelada e chocolate de cozinha, durante meses. Poderia sobreviver com esses mantimentos, num mínimo de três semanas. De resto, fez-se à vida, arranjou trabalho, dormiu numa paróquia. Aprendeu desde cedo a prevenir, a prever e a prover. Sair de casa foi uma libertação. Tinha terminado o 12º ano, com média de treze, a média do azar, pensava ela. Toda a sua vida provinha do azar. E por isso mesmo, tentava agora a sorte. Sara nunca se deixaria levar. Saiu de fininho, numa noite de Verão. Quando, finalmente, fez 18 anos, enviou um postal ao pai a avisá-lo: "Não me procures. Contigo, estava perdida. Agora, sou dona de mim própria e sou feliz". O pai engoliu o orgulho e disse ao resto da família que estava a pagar-lhe estudos no estrangeiro. Ninguém

ao mesmo tempo, de fazer uma sopa e mudar fraldas enquanto se escreve a tese de mestrado. Sim, somos primas de alienígenas sobredotados, daqueles que todos julgam ser ficção. Temos capacidades superiores de execução, de planeamento e concepção. Mas não nos perguntem nada nestes dias de inferno! E agora, a meteorologia...

.....

**3-3-18** - Comprava sempre o mesmo livro, ao longo da vida, quando entrava em livrarias e alfarrabistas. O livro que mudara a sua perspectiva sobre a literatura era agora o presente que oferecia aos amigos e às pessoas de quem mais gostava. Escolhia, mesmo, os amigos pelo critério de terem ou não lido essa grande obra-prima da literatura. Oferecia-lhes o livro e ficava à espera, como quem espreita. Pacientemente, aguardava os uivos de exultação, os comentários exaltados, o entusiasmo contagiante. Assim, fez com o primeiro namorado que nunca o leu e lhe deu razão mais do que suficiente para acabar com o namoro. Assim fez com o segundo namorado, que o leu compulsivamente, passando-o depois a toda a família. Foi assim que Camila caiu nas graças da sogra e esta caiu nas suas. Era um livro que espalhava magia, capaz mesmo de unir sogras a noras. Assim, sempre que ia a alguma feira do livro ou novo alfarrabista, trazia mais um carregamento. Tinha já uma lista de amigos a quem oferecer a felicidade suprema, traduzida em letras e metafísica. Ao fim de quase trinta anos, continuava a comprar sempre o mesmo livro. Sempre que descobria mais um alfarrabista, entrava e perguntava, como se não houvesse mais nenhum livro que valesse a pena, à face da terra: ‘Tem o “Cem Anos de Solidão”?’

.....

Queridos amigos e leitores, esta é a última história. A História numa Garrafa chegou ao fim. Mas não é um fim qualquer. Termina aqui este ciclo, ao fim de exactos 3 anos e 1095 histórias (e 1095 fotografias!) A História numa Garrafa teve a felicidade de existir graças à vossa presença enquanto leitores. Nasceu e cresceu numa página de Facebook, onde encontrou amigos e entusiastas leitores. Por isso, foi um ‘livro vivo’ que

creceu com a interacção dos vossos comentários e o entusiasmo dos vossos gostos. Tudo isso foi determinante para a levar tão longe. Mais do que um projecto de vida, foi uma vida diferente durante estes 3 anos. Aprendi a olhar para as coisas e para as pessoas, como quem as vê por escrito. Passei a escrever a qualquer hora e em qualquer lugar. Julguei-me qual “Cinderela das histórias”, dependente da meia-noite, hora a que se fazia a auto-publicação. Andei debaixo da tirania de escrever e publicar uma história por dia, onde quer que estivesse, doente, indolente ou até em viagem. Escrevi lutos e nascimentos, dores e alegrias, medos, tragédias, paixões. Vivi enredos e inventei personagens com os meus e os vossos demónios. Obrigada àqueles que me contaram episódios marcantes das suas vidas para se transformarem numa história para a Garrafa. Sinto-me honrada pela vossa confiança e pelo entusiasmo que partilharam comigo pela nossa Garrafa. Beijinhos a todos e até já. Obrigada por este caminho conjunto.

Maria Saraiva de Menezes

*A história da Mariana, por alguma razão que desconheço, tornou-se altamente viral e gerou grande comoção nesta nossa comunidade literária. Publicada a 4 de Maio 2015, levou a página da História numa Garrafa aos píncaros da actividade. Em Maio de 2018 contava com 23.000 gostos, 21.701 partilhas e 1.600 comentários. Foi ao encontro da dor de uns, da filosofia de outros e das certezas de tantos. De tal forma que tive de escrever, dias mais tarde (14/5/2015), a continuação da história da Mariana, no céu... Sim, porque muitos me exigiram saber se estava bem, outros me pediram que ela voltasse, que lhe desse outra oportunidade. Esta história é a verdadeira marca da garrafa. Por isso, decidi repeti-la no final e incluir no livro, aleatoriamente, uma parte ínfima dos vossos comentários, sem qualquer correcção para não se perder a genuinidade e espontaneidade. Desculpem não os ter usado a todos. Era essa a minha vontade, mas a quantidade e extensão dos mesmos impossibilitou-o. Agradeço desde já a vossa generosidade. Obrigada por serem comigo. E que a Mariana esteja sempre entre nós. Beijinho, Maria Saraiva de Menezes*

"Mariana não sabe que morrerá esta tarde. Para já, acordou toda stressada, stressando o marido e a filha de 5 anos que nem sabia o que era o stress. São sete da manhã. É a última vez que Mariana toma o pequeno-almoço; não voltará a fazê-lo daqui à eternidade, mas toma-o a correr porque já está atrasada. Mariana está atrasada para a morte. Corre para morrer mais depressa, ao fim da tarde. É preciso deixar a criança na creche, para morrer. É preciso deixar o jantar feito, para morrer. É preciso telefonar à D. Lurdes para lhe dizer que engome as camisas do Zé, antes de morrer. Chegada ao trabalho, é preciso fazer todo o serviço e não deixar nada por fazer, antes de morrer. Mariana almoça e não sabe que o faz pela última vez. Se soubesse que ia morrer nesta tarde, talvez voltasse à creche para se despedir da filha. Talvez desse um abraço apertado ao Zé. Talvez ligasse à mãe. 17 horas. Faltam 15 minutos para Mariana morrer, embora ela não o saiba. Pica o ponto, sai a correr, torce o pé com o salto alto na calçada. Recompõe-se, faz-se à estrada para ir buscar a miúda. Não sabe como foi esmagada naquela marcha-atrás. Não viu o camião que descia a rua, a grande velocidade. O camionista, em choque, também não a viu sair de estacionamento. Mariana nunca mais voltará a estar viva. A morte é uma maçada. Havia tanto que fazer. E agora, o que será o jantar?"

**Filipa Moreira** Congelei! Fiquei a olhar para o telemóvel e não tenho reacção, é inevitável conter as lágrimas!

**Marta Belo** Lindo de tão verdadeiro. Tocante de tão intenso. Acompanho a sua página e este é sem dúvida o texto que mais me tocou...

**Nela Rodrigues** Impressionante e para pensar, e muito... agradecida por escrever tão bem. Por favor continue!

**Julio Borges** Mas que murro. Tinha que ser com tanta força? Obrigado adorei! Cumes

**Maria Celeste Gonçalves Costa** Meu Deus quanta realidade e originalidade você pôs nesta história!!!! Seria bom que todos nós fizéssemos um momento de reflexão ao ler tamanha realidade para que passasse a haver menos crianças órfãs. **Parabéns** você me surpreende a cada leitura.

**Suzana Travassos Valdez** Muito bom!! Mas o murro foi forte!! Apetece-me resgatar algumas das suas personagens porque a sua escrita tem um "feedback" obrigatório e a reacção que exige dos leitores "só" mostra o quanto esta é excelente. Infelizmente a única sensação que consigo dos meus amigos é alguma emoção, talvez já não seja mau mas reconheço que a Maria obtém verdadeiras reacções dos seus fortes textos pois eu sou uma das pessoas que deseja intervir. Parabéns Maria!! Creio que esta sua capacidade é verdadeiramente incrível e provavelmente faz a diferença.

**Sofia Marques** Ler algo assim pela manhã, já mudou o meu dia!

**Helvetet Angel** Excelente texto! Não original no conteúdo mas sim na forma. Parabéns.

**Peggy Hönig** First thing in the morning I read the "A Garaffa" enjoying it very much, do not all the times times understand every word but in all the story. Thank you

**Daniel Leça** Soberbo o romantismo trágico deste "abre olhos"!!!!

**Conceição Fragoso** Triste vida a da Mariana... não desfrutou em pleno da família... por causa das pressas da vida... e ali se acabou tudo e assim como as correrias da Mariana... até um dia Mariana... gostei desta narração.. Obrigada

**Marta Jorge Durão** Muito duro... muito real...

**Palexandra Guerreiro** Muito bom! Para reflectir....

**Carla Mota** Quanta verdade e somos tão injustos, stressados e maus uns para os outros, se ao menos reflectíssemos mas infelizmente a vida, a correria não o deixa, nós mesmos e só nos damos conta quando acontece uma calamidade. Somos muito pequeninos e tão imperfeitos.

**Maria Eunice Salvador** Profunda mensagem... para refletir e agir. **Parabéns**. Lendo aqui no interior do Uruguay.

**Vinex Duarte** Eu me repleto nesta mariana... perdi meu filho com 10 anos vítima de atropelamento.... fiquei paralisada na vida. .sem chão. . apenas vivendo por viver... hoje tenho 3 filhos maravilhosos que a vida me presenteou ... mas o meu ritmo acelerado não me deixa desfrutar mais deles.. Trabalho feito uma condenada em 5 casas diferentes para poder sustendalos ... pagar água luz gás ... pois não tenho ajuda do pai...e não me arrependo de nada. .só tenho pena de não conseguir passar mais tempo com eles que crescem rápido. Beijinhos para todos

**Carla Gomes** Aprendi com a vida, que me roubou o pai ha 30 anos, o irmao ha 2, e a mae ha 3 meses, precisamente no dia em que fazia 30 anos que o meu pai morrera... aprendi que ha que dar importancia ao que é realmente importante, e nunca deixar assuntos mal esclarecidos, com quem amamos....

**Mariana Silva** O meu nome é Mariana e eu sou tão isto!! Tudo sempre a pressa sempre cheia de stress

**Luisa Correia Sobral** Ler com as lágrimas a correr pelo rosto, esta é a história de tantas Marianas, que diariamente corremos stressadas, para o trabalho, para fazer o jantar, para termos tudo arrumado em casa...e depois deixamos tudo organizado, mas deixamos por disfrutar da família, dos amigos... Vale a pena pensar nisso, é viver cada dia, amando quem nos rodeia. Adorei

**Cláudia Madureira** Penso na mensagem aqui espelhada várias vezes e procuro viver todos os dias com amor e equilíbrio. Amanhã não sei se ca estarei....

**Ana Cardoso Santos** Esta é a história de todas e todos nós. Vivemos a correr e, muitas das vezes, sem tempo para valorizar o que vale a pena e sem perceber que devemos viver como se cada dia fosse o último. Gostei muito. Tudo o que nos faça parar e reflectir é bom. Obrigada

**Fátima Guerreiro** Uma historia tao linda Como tao triste! Eu conhecia alguem que lhe aconteceu! Deixou um filhinho com 18meses.....isto no fim uma triste realidade infelizmente.....mas deixa a pensar porque? A vida e uma luta.....vou partilhar.

**Maria Amorim** Amei estas histórias fazem parar para refletir. Obrigada pela partilha.

**Maria Jose Serrano** Corremos a vida toda para a incerteza beijo gostei



**Cristina Garcia** Aiiii. Eu já ando com este tipo de pensamento e a ler isto.... Obrigada. Precisamos de um abanão de quando em vez.

**Ana Paula Moreira** Obrigada pelo texto e Revi um pouco a minha história. Só que eu tou viva mas tanto corri que tive um aneurisma cerebral e sobrevivi **Parabéns** e continue a escrever

**Lurdes Gonçalves** Nunca ninguém pensa que é a ultima coisa que se faz. Para quê tanta correria, quando a vida é tão curta.

**Fatima Teixeira Parabéns** pelo texto, dá que pensar... Obrigada!

**Graciosa de Jesus** E ainda dizem que o fado e triste! Pois e. Ele canta a vida, tem que ser triste e verdadeiro...

**Lucy Sky** É mesmo assim nos dias de hoje...É absolutamente indispensável repensar as prioridades da nossa vida ,não nos deixarmos engolir pela voracidade selvagem desta corrida contra o tempo...aliás completamente insana e desprovida de sentido...

**Maria Jesus** Hoje já são duas vezes que não consigo deixar de chorar é muito triste mas é a realidade

**Henriqueta Filomena** Tão pouco valorizamos a vida e ela se esvai num ápice. Uma história triste identica a muitas outras que por infortúnio acontecem, Obrigado por mostrar nesta narração que não podemos contar só conosco. Que devemos viver e fazer tudo o que desejamos, pois o tempo que existimos , não está temporizado e fica sempre algo por fazer ou dizer. A quem traz um volante na mão, também pode servir a lição, precaução e lucidez nunca fizcram mal a ninguém.

**Lucília Perdigoão** Mas há pouco tempo houve um caso que esta história me fez recordar! Porque corremos tanto meu Deus?!? Ajuda-nos a abrandar. Para podermos fazer o jantar...

**Rosário Costa** Triste e arrepiante mas sem dúvida linda história, dá para pensar, parabéns.

**Ana Silva** Fiquei por uns segundos em choque adorei continue a escrever mais

**Lili Caracol** Adorei Tenho 35 anos e tive um AVC do cerebelo no sábado passado, precisamente antes de pôr o carro em andamento. 2 minutos mais tarde e a Liliana provavelmente seria a Mariana da história na garrafa. Não foi grande gravidade o que tive, mas fez pensar no que poderia ter perdido.

**Francisca Grave** Muito bom uma realidade dos nossos dias, e ninguém pensa nisso!

**Ana Monteiro** Levei uma chapada sem mãos! Qnd estou a jantar, já eu estou a pensar no q vou fazer para o jantar no dia seguinte... Sou mais uma Mariana! Adorei e tive q partilhar. Ninguém deveria ficar indiferente a este texto. É demasiado realista para ser ignorado. Parabéns e obrigado por partilhar conosco Felicidades

**Patricia Tomás** Eu tenho por lema dar sempre um beijo antes de sair ao filho e marido estejam a dormir ou acordados...mas o k diz é verdade, levamos a vida a correr e não aproveitamos o pouco tempo em k estamos juntos...boa sorte para continuar a escrever...

**São Bila** Adorei!! Faz pensar na vida que.mts de nos levamos a correr e um dia td acaba,...

**Valdemar Isabel Santos** É o que muitos levam desta vida stresse vontade de fazer tudo certo a tempo e horas realmente não paramos para pensar e se morrer hoje para quê toda a pressa ,é uma história para reflectir!

**Tereza Rodrigues** Tantas Marianas " atropeladas " sucessivamente pela vida...colhidas repentinamente pela morte:-) . nesta vida frenetica , no querer ser perfeita em ( quase) tudo....deixamos de lado o VIVER:-) Este texto fez-me refletir MUITO!!!! Obrigada.

**Sónia Coelho M. Franco** Fiquei sem fôlego de tanta intensidade contida nestas palavras!... Não propriamente na pressa, mas no depois, também vi a minha mãe partir quando ainda tinha tanto para lhe dizer. Volvidos mais de quinze anos choro cá dentro comovida com o impacto que este maravilhoso texto teve em mim. Muito grata pelos choques de consciência nele contidos.

**Anabela Duarte** Triste de mais! Realmente a vida é inconstante por vezes corremos sem saber para onde vamos Se é o destino este foi muito triste...ao ler este texto logo me surgiu um nó na garganta e lágrimas seguidas me correram pelo rosto...correr muitas das vezes pode ser fatal Noutros casos também pode salvar vidas...será destino???

**São Barco** Sem palavras mesmo

**Elisabete Jesus** Ja perdi uma filha e nunca disse adeus...nao gosto deaaa palavra....e sempre lhe disse que a adorava quie gostava muito dela que estava sempre com ela....a mais nova tem sempre a minha doce palavra gosto muoto de ti...e nunca lhe digo adeus...nao gosto!!!!

**Célia Valério** Adorei... Continue a escrever, mais não seja para nós alertar para o quotidiano de correria que vivemos e refletirmos um pouco... Parabéns pelo texto.

**Sandra Pereira** Que bem escrito, gostei e vou partilhar :)mas que é um wake-up call, la isso é

**Catarina Sá** Vi esta história através de uma partilha de uma amiga... Fiquei arrepiada mas pensativa... De facto, nc sabemos qd será o nosso último dia aqui na terra e o qt a nossa família é mais importante que td o resto... Cd dia k passa vivemos mais para o stress do que para a união familiar, o amor e a companhia do casal, dos filhos... É trágica esta história mas dá que pensar...

**Ana Pires** Só quando perdemos alguém que amamos realmente, pensamos nisto. É uma dura realidade. Passamos a nossa vida sem dar importância ao que realmente importa, as pessoas que amamos.

**Herminia Oliveira Puga** E triste mas muito real nos dias que correm andamos sempre a correr e tudo pode acontecer Continue a escrever porque é uma história que nos faz pensar

**Carla Taveira** É verdade e todas nós temos um pouco da Mariana, muito muito bom adorei beijos

**Paulo Pascoa** Vidas apressadas que não são vividas...a história das nossas vidas. Parabéns. Mesmo que não nos faça mudar da estilo de vida faz certamente pensar.

**Antonietta Nunes** A morte está onde estamos, independentemente do que estivermos a fazer! Tem hora marcada, sem aviso prévio!!!

**Connie Nunes** É Pura verdade já passei por isso quarta à noite fui dizer adeus ao meu filho sai Quinta de Manhã para outra provincia so até Segunda feira mas foi a ultima vez porque no Sabado recebi a noticia que o meu filho tinha morrido se todas as pessoas pensassem um pouco na vida como de um momento para o outro tudo muda talvez já nao ouvese tanto odio e rancor infelizmente muitas pessoas na ideia delas nunca fizeram ou fazem nada de mal a ninguem mas todas as outras pessoas fizeram ou continuam a fazer mal a Elas so pesso Paz para estas pessoas e que Deus lhes abra o Coracao

**Emilia Ferreira** Wouaou esta historia ei mesmo incrível uma pessoa tem k retomar o controlo da nossa vida e nao o stress e ter tempo de ver o k se passa as voltas muito obrigada pela está história muito comovente para todos nos.

**Ana Costa** Sim continue a escrever, engraçado:( hoje na minha viagem de trabalho ( faço em média 400 km por dia) vinha as pensar na falta que eu faria para algumas pessoas e de facto cheguei a uma conclusão não quero ser a mariana e viver cada dia como se fosse o último, a minha filhota precisa muito de mim e eu adoro-a e digo-lhe adoro-te todos os dias

**Teresa Tavares** Verdade! Por vezes penso nisso. Penso que: Desperdiçamos energia, tempo e dinheiro com pessoas que não merecem. Ligamos a pormenores que não interessam nada, e em nada contribuem para a nossa felicidade, nem daqueles que nos rodeiam. Perdemos imenso tempo com aquelas tarefas chatas, que fazemos diariamente. Damos demasiada importância á aparência pessoal e quando não nos sentimos bem, nem vamos á rua por vergonha. Ligamos muito a que os outros pensam e falam de nós, como se isso fizesse parte da nossa avaliação contante enquanto seres humanos. Corremos uma maratona diária, como se tivesse um princípio e nunca um fim, porque no dia seguinte a mesma corrida continua, sem nunca terminar. E?!... E entretanto, como nesta história e em tantas outras a "porcaria", desculpem a expressão da corrida é interrompida por um acidente ou uma doença, como se uma barreira/rasteira se tivesse atravessado á frente, e tu estás lá, ou saltas ou morres, depende da tua preparação, da tua evolução e até mesmo da tua sorte. Todos, pensamos sobre tudo isto, o problema é que sabemos quando a corrida começa, só não sabemos quando termina.

**Adelia Janota** Isto é tao certo ...! Aconteceu o mesmo com o meu querido Filho André .

**Fatima Pereira** Tanta correria para quê ?afinal a vida são só dois dias?

**Eugénia Simoes** Adorei! Faz-nos pensar na nossa correria do dia-a-dia.

**Isabel Pinto Basto** Comovi-me.

**Lucia Moreno** Muito bom!

**Rosa Branco** Faz-nos pensar, vou partilhar

**Tico Dasilva** adorei parabéns

**Mafalda Santos** Bonita história. Gostei, faz pensar na vida...

**Angela Soares** O meu pai tb nem me despedi dele isso doi mto

**Jorge Humberto da Silva** Lindo mas afinal o que vamos jantar

**Sandra Rocha** Muito, muito bom! Vou partilhar

**Fernanda Cesar** O meu filho foi pescar e já não voltou

**Fernanda Silva** Uma historia incrível

**Sonia Dinis** Muitos parabéns está lindo...

**Ana Ribeirinho** Tenho de partilhar!!

**Glória Maria Pinto Pinto** Mesmo sempre a correr e esquecemos de viver

**Genoveva Montalto** Por acaso encontrei esta história que pode ser de cada uma de nós. Obrigada e continue a escrever.

**Maria Dinah Vieira** Temos que viver um dia de cada vez intensamente...

**Ana Maria Sousa** Comentar este conto é, por si só, o reconhecimento da vida complicada que todas as mulheres têm, pois todas nós nos revemos nas suas palavras e isso vai ao encontro dos nossos sentimentos trazendo à superfície os nossos mais profundos medos: o futuro. Não que aparentemente o receemos, mas pelo desconhecimento do advir. Obrigada pela partilha. Para mim, foi a primeira vez que li algo seu e felicito-a.

**Teresa Almeida Bruno** Sou mãe, mulher, filha, trabalhadora, dona de casa, tudo que uma mulher é e, ultimamente, tenho pensado e por vezes ate vejo a minha imagem num acidente onde a minha partida é uma constante. Nós nunca sabemos se o beijo k damos aos nossos filhos ao deixa-los na escola se é o último, não sabemos se aquela discussão com o marido será apenas mais uma ou se não teremos mais nenhuma, mas o facto e apesar de ter essa noção a vida faz-nos andar numa romaria constante. Bonita história para nos fazer pensar

**Paulo Costa** Linda história ! Não pensamos muito nisso na 'morte devíamos dar mais valor a que temos e por vezes não ter vergonha de dizer aquilo que nos vai na alma. perdemos tempo em coisas sem importância, e que devíamos dar valor a coisas mais importantes .

**Maria João Rosa Valentim** Chorei ao ler e a lembrar das pessoas que não tive tempo de beijar e dizer o quanto gostava delas...

**Sib Anastacio** O meu filho tem 7 anos e todos os dias lhe digo o quanto o amo. E ele responde sempre com o mesmo ar de frete: "já sei, dizes me isso todos os dias"

**Ana Isabel Silva** Aproveita a vida e deixa de complicações. É num segundo que tudo pode acabar.

**Rogério Duarte** A vida é curta demais para ser vivida com stress... Um dia de cada vez pois amanhã se lá chegar tenho tempo de me preocupar... bainho

**Anabela Santos** Realmente ninguém pensa e há pessoas tão más...

**Anabela Gama** Dá que pensar e refletir em como temos que aproveitar os dias um por um, pois um dia será o último

**Paula Susana Amaro** É... Corre-se de um lado para o outro e mesmo vivo nao se vive.

**Maria dos Prazeres Santana** Linda história e a realidade do nosso dia a dia. Temos de pensar mais na nossa família e em nós próprios.

**Isabel Mós** Fiquei em choque, pois a minha mãe morreu sozinha sem ter tempo de se despedir.

**Vera Claudia Pinto** Simplesmente ADOREI, vou partilhar

**Maria Amelia.** Hoje o Facebook mostrou-me uma memória de há três anos. Era uma das suas histórias, que na altura me deixou de boca aberta. Não sei porquê, nunca mais li nenhuma, não por não querer, mas porque se desvaneceu no meio de tanta coisa. Hoje tornei a ler, tornei a partilhar e fui bisbilhotar, ao fim destes anos, outras histórias, outras situações... Parabéns a quem enche com tanta imaginação uma garrafa sem fundo...

**Mafalda Moraes.** História numa garrafa gostaria de comprar o livro. qual a editora?

**Rosa Maria Pires.** Parabéns pelo texto. Marcou-me e, acredite, será um marco na minha vida, para a eternidade... continue a escrever assim aquilo que sente. Só tenho uma palavra: Grata.

**Maria De Lurdes Garcia** E as Lurdes têm sempre que ser engomadeiras! Detesto engomar